

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
CURSO DE TURISMO**

YARA LUANA MACHADO DA SILVA

**MONUMENTOS HISTÓRICOS DAS PRAÇAS CENTRAIS DA CIDADE DE
MANAUS EM SEU RESGATE HISTÓRICO
(PRAÇA DA SAUDADE, PRAÇA SÃO SEBASTIÃO E PRAÇA DA POLÍCIA)**

**MANAUS
2018**

YARA LUANA MACHADO DA SILVA

MONUMENTOS HISTÓRICOS DAS PRAÇAS CENTRAIS DA CIDADE DE
MANAUS EM SEU RESGATE HISTÓRICO
(PRAÇA DA SAUDADE, PRAÇA SÃO SEBASTIÃO E PRAÇA DA POLÍCIA)

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à disciplina
TCC II do Curso de Turismo da
ESAT/UEA. Sob a orientação
do Profº Dr. Rafael Ale Rocha.

MANAUS

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente à Deus, por ter me dado sabedoria e coragem, transformando um dos meus sonhos em realidade. E à meus pais, avós, padrinhos e amigos cujo contribuíram em minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que contribuíram no decorrer desta jornada.

Em primeiro lugar, agradeço à Deus, pois sem ele, nada disso estaria sendo possível, a que me refiro a conclusão deste curso.

A minha família, que em todos os momentos estiveram ao meu lado dando toda força e apoio, principalmente naqueles momentos em que pensei em desistir desta trajetória. Em especial à minha amada avó (Alssucina Abtibol), a qual sempre me criou e me fez hoje a mulher que sou, com certeza, sem ela, nada disso estaria acontecendo. E a minha madrinha (Terezinha) que muito me ajudou neste trabalho.

Ao meu orientador, prof^o Rafael Ale Rocha, pelos conhecimentos transmitidos, e a todos os demais professores que passaram nesta minha trajetória acadêmica nesta universidade, pois todos eles me abriram os olhos para o futuro desta profissão, que não é tão valorizada como deveria ser.

Aos meus amados amigos, que em nenhum momento me deixaram desistir do meu objetivo.

A Amanda Leria por sempre ter me incentivado, me compreendido nos momentos difíceis, e, principalmente, por sempre ter me dado forças para nunca desistir dos meus sonhos e desta minha trajetória acadêmica.

*“Nós podemos viver sem [a arquitetura], adorar
nosso Deus sem ela, mas sem ela não podemos
nos lembrar” (RUSKIN, citado por CHOAY,
2001, p.139)*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como finalidade fazer uma análise em três praças localizadas no Centro Histórico de Manaus, afim de mapear os monumentos em que nelas se encontram, monumentos esses que são parte do patrimônio histórico local. No decorrer deste trabalho, será abordado todo o significado e importância de um patrimônio histórico/cultural, bem como a importância de sua preservação e conservação, e a relação que este estabelece com a Memória e com o Turismo Cultural. Foi procurado mostrar a importância destes monumentos para a memória instituída pela história dos acontecimentos pela qual ela passou. Também será mostrado um pouco da história da origem de Manaus, bem como o processo de embelezamento e as obras públicas feitas durante a belle époque. Em minha pesquisa de campo foi possível observar uma carência de segurança pública nas praças trabalhadas, não somente a falta de segurança, mas também a falta de conscientização da população local e até mesmo dos turistas. Em especial a praça da Saudade, que se encontra em má conservação, pois não há atenção do poder público. O monumento situado na praça da Saudade encontra-se em má conservação, há pichações no mesmo e alunos, frequentadores estão danificando o monumento. Para a investigação do tema proposto foi utilizado como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica, tendo como fontes: livros, artigos e outros textos científicos já publicados, com o objetivo de desvendar os relacionamentos entre conceitos, ideias e características do tema. Além da pesquisa bibliográfica, foi feita uma pesquisa de campo com aplicação de questionários com alunos frequentadores das praças trabalhadas.

Palavras-chave: Patrimônio. Memória. Turismo Cultural. Monumentos. Conservação.

ABSTRACT

This course completion work has the purpose of analyzing three squares located in the Historic Center of Manaus, in order to map the monuments in which they are found, which are part of the local historical patrimony. In the course of this work, all the significance and importance of a historical / cultural heritage, as well as the importance of its preservation and conservation, and the relationship it establishes with Memory and Cultural Tourism will be addressed. It was sought to show the importance of these monuments to the memory instituted by the history of the events through which it passed. Also will be shown a little of the history of the origin of Manaus, as well as the process of embellishment, the public works made, the belle époque. In my field research it was possible to observe a lack of public safety in the squares worked, not the lack of safety, but also the lack of awareness of the local population and even the tourists. In particular, the square of Saudade, where it is in poor conservation, there is no attention of the public power. The monument located in the square of Saudade, is in poor conservation, there are graffiti in the same, students and regulars that are damaging the monument. For the investigation of the proposed theme, a bibliographical research was used as a methodological tool: books, articles and other scientific texts already published, with the purpose of unveiling the relationships between concepts, ideas and characteristics of the theme. In addition to the bibliographical research, a field survey was carried out with questionnaires applied to students attending the squares.

Keywords: Patrimony. Memory. Cultural Tourism. Monuments. Conservation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Violação ao monumento à Tenreiro Aranha	24
Figura 2. Peça Ninfa, sem identificação	30
Figura 3. Peça José Maria Ferreira, placa de identificação removida	30
Figura 4: Praça 5 de Setembro com o monumento à Elevação do Amazonas a categoria de Província	44
Figura 5: Praça 5 de Setembro entre 1901 – 1902	45
Figura 6: Canteiros da Praça da Saudade.....	46
Figura 7: Pilares da Praça da Saudade	46
Figura 8: Praça São Sebastião em torno de 1901 – 1902	47
Figura 9: Alguns estabelecimentos localizados na Praça São Sebastião.....	48
Figura 10: MUSA	48
Figura 11: Calçada da praça do Rossio	49
Figura 12: Calçada da praça São Sebastião, inspirada no calçadão da praça do Rossio.....	49
Figura 13: Praça Heliodoro Balbi entre 1901 – 1902	50
Figura 14: Praça Heliodoro Balbi	51
Figura 15: Identificação da árvore frutífera Manga	51
Figura 16: O Clube da Madrugada	52
Figura 17: O Mulateiro	53
Figura 18: Placa Informativa sobre o Clube da Madrugada	53
Figura 19: Cabeça em homenagem ao escritor José Maria Ferreira de Castro	57
Figura 20: Placa decorativa da obra em homenagem a José Maria Ferreira de Castro	57
Figura 21: Violação na obra dedicada à José Maria Ferreira de Castro	58
Figura 22: Máscara de Bento Menezes	58
Figura 23: Herma dedicada à Dom Pedro I	59

Figura 24: Placa de identificação da Herma dedicada à Dom Pedro I	60
Figura 25: Coreto de Ferro II da praça Heliodoro Balbi	60
Figura 26: Detalhes da grade do Coreto. Demônios e dragões	61
Figura 27: Detalhes da cúpula do Coreto de Ferro	61
Figura 28: Representação do Santo São Sebastião	62
Figura 29: Fonte da praça Heliodoro Balbi	63
Figura 30: Esculturas de ferro do Palacete Provincial, que se constitui um grupo escultórico	63
Figura 31: Soldado Francês	64
Figura 32: Zuavo da Força Colonial Argelina	64
Figura 33: Callíope, a deusa da poesia épica	65
Figura 34: Euterpe, a musa da música	66
Figura 35: Thalia, a deusa da temperança	67
Figura 36: A Dama de Capuz	68
Figura 37: Diana Caçadora	69
Figura 38: Ninfa	70
Figura 39: Descrição do local de elaboração da peça Ninfa	70
Figura 40: Pichação na peça da Ninfa	71
Figura 41: Deus Hermes	71
Figura 42: O cachorro e o javali	72
Figura 43: Violação ao patrimônio	73
Figura 44: Pérgula da praça Heliodoro Balbi	74
Figura 45: Monumento à Tenreiro Aranha	75
Figura 46: Placa de identificação do monumento à Tenreiro Aranha	76
Figura 47: Placa de identificação sobre Tenreiro Aranha	76
Figura 48: Identificação da inauguração do Monumento	76
Figura 49: Identificação da identificação da obra	76
Figura 50: Pichações no Monumento à Tenreiro Aranha	77
Figura 51: Danificações no Monumento à Tenreiro Aranha	77

Figura 52: Monumento em homenagem à Abertura dos Portos	78
Figura 53: Monumento de Abertura dos Portos entre 1901 – 1902	78
Figura 54: Uma das inscrições do Monumento de Abertura dos Portos	79
Figura 55: Deus Hermes cortejando uma Amazonas	80
Figura 56: Barca da América	80
Figura 57: Barca da África	80
Figura 58: Barca da Europa	80
Figura 59: Barca da Ásia	81
Figura 60: Teatro Amazonas entre 1901 – 1902	81
Figura 61: Teatro Amazonas	81
Figura 62: Igreja São Sebastião	83
Figura 63: Palacete Provincial	84
Figura 64: Quartel da Polícia, atual Palacete Provincial	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Atividades que podem ser praticadas no segmento Turismo Cultural.....	21
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
TURISMO CULTURAL E PATRIMÔNIO CULTURAL	17
2.1 Atividades praticadas no Turismo Cultural	20
2.2 Identidade	23
2.3 Patrimônio e sua Preservação	25
2.4 Monumento Histórico	26
3. HISTÓRIA E MEMÓRIA DE MANAUS	32
3.1 Origem da Cidade de Manaus	32
3.1.1 Obras Públicas	34
3.1.2 A Borracha	34
3.1.3 Governo de Eduardo Ribeiro	36
3.1.4 Processo de Modernização e Belle Époque Manauara	37
3.1.5 Belle Époque e Vida Cultural	38
3.1.6 Migração e Mão-de-Obra	40
3.1.7 A influência italiana	41
3.1.8 O Ecletismo	42
4. AS PRAÇAS PÚBLICAS DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS	44
4.1 Praça 5 de Setembro	44
4.2 Praça São Sebastião	47
4.3 Praça Heliodoro Balbi	50
4.3.1 Clube da Madrugada	52
5. MONUMENTOS PÚBLICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS	55
5.1 Obras Tridimensionais	55
5.1.1 Busto – Cabeça – Herma – Máscara	56
5.1.1.1 Cabeça dedicada à José Maria Ferreira de Castro	56
5.1.1.2 Máscara dedicada à Bento Bruno de Menezes	58
5.1.1.3 Herma à Dom Pedro I	59
5.1.2 Elementos Arquitetônicos	60
5.1.2.1 O Coreto de Ferro II	60
5.1.3 Estátuas Sagradas	61
5.1.3.1 Estátua de São Sebastião	61
5.1.4 Fontes Decorativas	62
5.1.4.1 A Fonte Decorativa da Praça Heliodoro Balbi	62
5.1.5 Grupos Escultóricos	63
5.1.5.1 Grupo Escultórico do Palacete Provincial	63
5.1.5.2 Grupo Escultórico encontrado nos jardins do Teatro Amazonas	65

5.1.5.2.1	A Poesia	65
5.1.5.2.2	A Música	66
5.1.5.2.3	A Temperança	67
5.1.5.2.4	A Dama de Capuz	68
5.1.5.3	Grupo Escultórico da praça Heliodoro Balbi	68
5.1.5.3.1	Diana Caçadora	68
5.1.5.3.2	A Ninfa	70
5.1.5.3.3	Deus Hermes	71
5.1.5.3.4	Cachorro e Javali	72
5.1.5.3.5	Pérgula	73
5.1.6	Monumentos	74
5.1.6.1	Monumento à Tenreiro Aranha	75
5.1.6.2	Monumento à Abertura dos Portos	78
5.2	Obras Públicas próximas as praças (5 de Setembro, São Sebastião e Heliodoro Balbi	81
5.2.1	Teatro Amazonas	81
5.2.2	Igreja São Sebastião	83
5.2.3	Palacete Provincial	84
6.	PROCESSO METODOLÓGICO	85
7.	DISCUSSÃO DE RESULTADOS	87
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO	96

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem total dedicação à uma análise, crítica e construtiva, sobre os monumentos históricos de três praças do Centro Histórico de Manaus, em busca de seu resgate histórico e do papel que eles desempenham em nossa cultura local, apoiados sobre a memória que confere identidade à nossa região. A justificativa da pesquisa se deu pela falta de conhecimento que as pessoas apresentam em relação à estes monumentos e, principalmente, pela ausência de conscientização em preservar estas obras. A Autora Maria Evany do Nascimento, em uma matéria no jornal A Crítica, relatou a ausência de identificações nestes monumentos, causando, assim, a falta de conhecimento da população local e principalmente dos turistas em relação as obras, pois, sem a identificação, não é possível saber do que se trata e o que significa.

O principal objetivo deste trabalho é compreender a importância que estes monumentos possuem como patrimônios históricos/culturais, e, para isso, serão discutidos temas como Turismo Cultural, Patrimônio, Identidade, Memória e História de Manaus. Os objetivos específicos são: efetuar um mapeamento dos monumentos das três praças - Praça da Saudade, Praça da Polícia, Praça São Sebastião; analisar o significado simbólico e histórico destas obras; e verificar o conhecimento que a população local – alunos frequentadores das praças trabalhadas - possui sobre patrimônio e os monumentos históricos.

A abordagem deste assunto trata da falta de conhecimento e de interesse da população manauara em termos dos fatos, personagens, episódios e patrimônios que marcaram a memória histórica da cidade de Manaus, a sua falta de curiosidade em conhecer ou ouvir as histórias desses monumentos, que foram importantes nas vidas dos nossos antepassados e retratam a história de nossa localidade. Este trabalho visa realizar um resgate histórico das praças que norteiam o seu passado através do estudo, da análise e pesquisa dos monumentos localizados nas três praças que serão trabalhadas.

Os referidos monumentos necessitam ser mais explorados pela população. No Patrimônio Cultural de nossa cidade, dentre eles o chamado “Centro Histórico”, há muitas obras, como esculturas, monumentos, bustos, entre outros, que muitas vezes passam despercebidas pela população, sendo desvalorizadas e abandonadas pelo desconhecimento daqueles que se desapropriam do conhecimento histórico e do valor e importância destes monumentos. A cultura de nossa cidade possui beleza e riqueza construída e herdada de países estrangeiros. No entanto, o desconhecimento dessas informações faz surgir a necessidade da expansão desse conhecimento.

A temática monumento está historicamente associada ao conceito de patrimônio. Ambos os termos apresentam como significados uma relação entre comunidade e bens. Designa uma herança familiar. Patrimônio é tudo o que nos é transmitido, uma noção de pertencimento e legado.

Além da necessidade de conscientizar o poder público sobre a preservação das praças, faz-se necessário, também, conscientizar a população local que as frequentam. Pois a preservação, não é um dever somente do poder público, mas, sim, de toda a população.

Será ressaltado a importância das obras das praças como monumentos históricos/culturais, cuja importância está ligada à construção de uma memória local, e com isso pretende-se levantar tal questionamento: qual a importância dos monumentos para uma identidade cultural? Por que é importante preservar estes patrimônios?

Em relação aos questionamentos expostos acima. Foi formulado algumas hipóteses que prestarão resultados com o material coletado ao decorrer da pesquisa desenvolvida. Levantei como primeira hipótese o fato de que o público escolar desconhece o valor histórico dos monumentos presentes nas praças e que mesmo que tenham um prévio conhecimento a respeito do tema abordado, os mesmos o rejeitam. Esta hipótese pode ser observada nos atos claros de não-valorização/preservação nos monumentos (como por exemplo: nos atos de pichação, violação e depredações – que serão mostradas nas fotos presentes no trabalho). Os monumentos são invisíveis em seus significados históricos e artísticos. Há também

um grande desinteresse em relação aos “ícones” da memória local, um exemplo disso é o fato de que a grande maioria dos alunos desconhecem quem foi Tenreiro Aranha. Nota-se uma carência de programas ou até mesmo projetos relacionados à educação patrimonial nas escolas, para que os alunos possam compreender o significado de patrimônio e o quanto são importantes para sua história e identidade local. E principalmente, para entenderem que estes patrimônios são uma herança para eles e não umas “decorações de praças” como são vistas por eles.

No capítulo 2 será abordado o tema Turismo Cultural e Patrimônio Cultural, onde haverá uma discussão sobre o que se trata patrimônio, a relação de turismo e cultura, o que é identidade, a importância da preservação e conservação dos patrimônios, e o que é monumento histórico. O capítulo 3 contará um pouco da história de Manaus, a sua origem e o seu processo de desenvolvimento/modernização, retratando o período da Belle Époque e as tendências artísticas presentes pela cidade. No 4º capítulo será apresentado breves histórias sobre as três praças trabalhadas. E, o 5º capítulo irá retratar um resgate histórico dos monumentos presentes nestas três praças – Praça 5 de Setembro, Praça São Sebastião e Praça Heliodoro Balbi. Em seguida será apresentado todo o processo metodológico utilizado neste trabalho, os resultados obtidos e as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

TURISMO CULTURAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

Desde os primórdios da humanidade já existiam os deslocamentos do homem de um lugar para outro, tendo motivos como: a necessidade, sendo ela por frio, em busca de alimento ou busca por moradia; e conhecer outras terras. Desta forma, podemos ver que o ser humano sempre esteve impulsionado a se deslocar, ou melhor, “viajar”.

Toda viagem turística é uma experiência cultural. ‘(...) ao sair de seu ambiente, o turista entra em contato com novos sabores da culinária, com as músicas mais pedidas nas estações de rádio do local, com a forma dos habitantes locais se darem com visitantes’ (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006).

Apesar de toda viagem turística ser uma experiência cultural, nem todo turista é um turista cultural. Cada tipo de turismo, está caracterizado pela motivação do turista. O Turismo Cultural é caracterizado pela motivação em torno de temas da cultura.

Segundo a autora Margarita Barretto (2007, p. 79), para entender o conceito de turismo cultural é necessário entender as tipologias turísticas que definem os tipos de turistas e os tipos de turismo. O autor Erick Cohen (1975 apud Barretto, 2007, p.27) destacou dois tipos de turista: o de permanência e o que se desloca. Descreveu também dois tipos de motivações, denominadas recreativas e existenciais. Para a classificação do turismo, Valene Smith (1989, p.5 apud BARETTO, 2007, p.82) destacou: étnico, que consiste em conhecer o modo de vida de populações exóticas; cultural, que consiste em conhecer lugares pitorescos; históricos, que glorifica o passado mediante a visita a museus e catedrais; ambiental, que é paralelo ao étnico, pois leva as pessoas a lugares remotos; e o turismo recreativo, que oferece sol e praia, sexo, jogo e entretenimento.

A relação entre turismo e cultura originou-se na Europa, no período do renascimento italiano, onde os aristocratas e, anos mais tarde, os burgueses viajavam com a finalidade de contemplar ruínas e obras de arte. Desde essa época até os dias atuais, a cultura seguiu sendo uma das razões principais para a viagem de turismo.

Tendo como inspiração as viagens do período renascentista, surgiu o *grand tour*, que se tratava de uma longa temporada em variadas cidades da Europa consideradas o berço da civilização ocidental naquela época. O público eram os que apresentavam disponibilidade de tempo e recursos para investir nesta viagem. Estes eram os nobres, aristocratas, burgueses e até americanos. O *grand tour* era considerado uma experiência educacional, já que passavam por variadas cidades com diferentes culturas.

A cultura vem sendo uma das principais motivações das viagens, por muito tempo ela estava destinada à busca de conhecer conjuntos arquitetônicos, museus e sítios arqueológicos. Ao passar do tempo, foi mudado o próprio conceito de cultura, e, com isso, foi ampliado o que se entendia por patrimônio cultural. Atualmente, este tipo de turismo é muito mais do que ir em um lugar para conhecer um museu ou um conjunto arquitetônico. Os turistas motivados pelo turismo cultural buscam conhecer as tradições dos locais que procuram, entram em contato a culinária local, com a linguagem, sendo ela o idioma ou o sotaque que varia de uma região para outra e a arte, sendo ela a dança, música, pinturas, arquitetura. Podemos citar como exemplo a Região dos Vales e do Café, em Espírito Santo, onde as pessoas procuram entrar em contato com a história que estes locais apresentam, tal como na época dos barões do café, o manuseio de como se prepara um café colonial, etc.

Cada país, estado e cidade, apresenta uma cultura diferente. No Amazonas, por exemplo, temos os ribeirinhos. É fascinante fazermos os passeios de barco que passam por comunidades que vivem próximos a mata e ao rio. Moradores que vivem em casas de palafitas, que vivem distante do tumulto que é a cidade. É comum haver turistas que vêm de todos os lugares do mundo em busca de conhecer este modo de vida que é tão diferente.

O turismo cultural é todo turismo no qual o principal atrativo não é a natureza, mas um aspecto da cultura humana, que pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura (BARETTO, 2007, p.87).

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (WTO, 2004, p.23), citada por Baretto (2007, p.87), o turismo cultural compreende a paisagem do lugar, e nele encontram-se elementos como: monumentos históricos, eventos, complexos arquitetônicos, a língua, as atividades cotidianas, as tradições.

Este tipo de turismo está diretamente ligado à motivação do turista. A motivação está ligada especialmente a de vivenciar a cultura local. Vivenciar implica duas formas de relação do turista com a cultura: primeiro ao conhecimento, entendido como a busca em aprender e entender o objeto da visita; a segunda corresponde a experiências participativas.

Muitos autores utilizam as expressões “turismo cultural” e “turismo de patrimônio” como sinônimas. Silberg (1995, p.361 *apud* BARETTO, 2007, p.88) define turismo patrimonial como a visita de forasteiros motivada, no todo ou em parte, pelo patrimônio histórico, artístico, científico ou pelo estilo de vida de uma comunidade, região, grupo ou instituição.

Patrimônio histórico e cultural são bens considerados material ou imaterial que expressam memória e identidade de uma população e sua comunidade. A utilização da atividade turística tem como objetivo pressupor a valorização e a manutenção dos patrimônios.

[...] valorizar e promover significa difundir o conhecimento sobre esses bens e facilitar seu acesso e usufruto a moradores e comunidade local. Significa também reconhecer a importância da cultura na relação turista e comunidade local, aportando os meios para que tal relação ocorra de forma harmônica e em benefício de ambos (Ministério do Turismo, 2006, p. 17).

O turismo deve procurar a harmonia entre turistas e comunidade local, pois, da mesma forma que o turismo traz benefícios, também causa malefícios. Em alguns lugares, a maneira como a atividade turística foi implementada mostrou-se danosa

aos patrimônios culturais devido à visitação descontrolada, o desrespeito acerca da identidade cultural local devido à imposição de novos padrões culturais e, muitas vezes, o próprio despreparo do turista para a experiência turística (Ministério do Turismo, 2006, p. 9). Um exemplo disto é Barcelona, na Espanha, onde o turismo tornou-se desproporcional. A capital da comunidade Catalunha, Barcelona, recebe milhões de turistas ao longo do ano. Isto tornou-se algo descontrolado. Os próprios residentes vêm reclamando pelo fato de que conviver com este turismo de massa tem descaracterizado a cidade. A população vem tendo que aguentar os preços altos de aluguéis, e até mesmo dos produtos e conviver com as ruas sujas. A visitação de turistas à Espanha supera o número da própria população, causando uma superlotação no país (Projeto Colabora).

É importante falar que uma cidade só é boa para receber turistas quando a mesma é boa para a própria população local. A paisagem de um destino é algo importante e diferencial e deve ser bem estruturada em se tratando de quesitos como empreendimentos e serviços, especialmente os serviços públicos.

2.1 Atividades praticadas no Turismo Cultural

É de suma importância ter o conhecimento sobre as atividades que este segmento apresenta em sua prática, para que desta forma seja possível ser elaborado as políticas públicas e até mesmo a formação dos produtos turísticos de cunho cultural. Com o conhecimento das atividades é possível verificar as necessidades de infraestrutura e serviços para a realização delas.

Quadro 1: Atividades que podem ser praticadas no segmento Turismo Cultural.

Atividade	Descrição
Visitas a comunidades tradicionais e/ou étnicas	Visitas a comunidades tradicionais ou grupos étnicos (comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, comunidades indígenas, quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres), que permite a interação ou acompanhamento de atividades cotidianas ou eventos tradicionais de comunidades locais
Visitas a sítios históricos	Visitas a lugares de interesse histórico-cultural que representam testemunhas do cultural nacional, regional ou local.
Visitas a sítios arqueológicos e/ou paleontológicos	Visitas a sítios arqueológicos e paleontológicos com relevância histórico-cultural.
Visitas a Espaços e Eventos Religiosos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca espiritual e a prática religiosa relacionadas às religiões institucionalizadas, de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica. Ex.: Peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, visitação e espaços e edificações religiosas – igrejas, templos, santuários, terreiros – realização de itinerários de cunho religioso, apresentações artísticas de caráter religioso.
Visita a lugares místicos e esotéricos	Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. Ex.: Caminhadas de cunho espiritual e místico, práticas de energização.
Visita a monumentos e celebrações cívicas	Visitas motivadas pelo conhecimento de monumentos, acompanhar ou rememorar fatos, observar ou participar em eventos cívicos, que representem a situação presente ou da memória política e histórica de determinados locais.
Atividade	Descrição
Visita a Museus e Casas de cultura	Visitas a locais destinados à apresentação, guarda e conservação de objetos de caráter cultural ou científico. Ex.: Museu da Cachaça, Museu do Folclore etc.
Visitas Gastronômicas	Realização de passeios cujas essências sejam a visitação de roteiros, rotas e circuitos gastronômicos, a participação em eventos gastronômicos, a visitação aos bares, restaurantes e similares de um destino que represente as tradições culinárias da região.
Passeios para festas, festivais, celebrações locais e manifestações populares	Realização de passeios para festas e festivais locais, para apresentações de formas de expressões culturais com fins de informação cultural ou recreação; para acontecimentos ou formas de expressão relacionados à música, dança, folclore, saberes e fazeres locais, práticas religiosas ou manifestações de fé. Ex.: rodas de viola, folia-de-reis, crenças, rezas, novenas.
Passeios para cinemas e teatros	Realização de passeios culturais para teatros e cinemas, conforme programação local.

Fonte: Turismo Cultural: Orientações básicas. Ministério do Turismo.

A identificação das atividades auxiliam nas oportunidades de negócios e na diversificação de serviços que podem ser oferecidos. O conhecimento delas é importante para identificação das oportunidades que existem para a formatação de diferentes produtos turísticos.

O turismo cultural apresenta inúmeras possibilidades para uma construção de produtos turísticos-culturais através da valorização do patrimônio. No quadro acima podemos ver que uma das atividades deste segmento é a visita à monumentos, visitas motivadas pelo conhecimento rememorando fatos ocorridos no passado. Os consumidores – turistas – têm estado cada vez mais interessados em ampliar seus conhecimentos sobre a cultura de um determinado local. A cidade de Manaus foi uma das poucas cidades brasileiras a vivenciar o período da Belle Époque. É repleta de história em se tratando de seu desenvolvimento e modernização baseada nos padrões europeus. Seus monumentos presentes nas praças simbolizam fatos ocorridos, tais como o Monumento à Tenreiro Aranha presente na praça 5 de Setembro e o monumento à Abertura dos Portos localizado na praça São Sebastião, dois monumentos que representam importantes acontecimentos que aconteceram na cidade. As obras presentes na praça Heliodoro Balbi possuem uma forte tendência do Neoclássico, apresentando figuras greco-romanas.

Vale ressaltar que este segmento desempenha um importante papel em se tratando do fortalecimento da identidade de um local. É importante que haja conhecimento sobre as atividades que podem ser praticadas no turismo cultural, para que desta forma seja possível diagnosticar as necessidades de infraestrutura e serviços para a sua realização, e também para a elaboração de políticas públicas para a preservação destes monumentos. Faz-se necessário haver uma orientação aos prestadores de serviços, principalmente aos guias para que tenham o conhecimento da história presente nos patrimônios que serão apresentados. O turismo cultural possibilita a interação dos turistas para vivenciar os significados presentes nos patrimônios.

2.2 Identidade

A comunidade local é a grande protagonista de uma experiência turística cultural, pois ela “compreende a dimensão da preservação e da interpretação de bens culturais (patrimônio cultural), traduzindo seu sentido e valor para quem os visita” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006, p. 60). É importante conscientizar as pessoas sobre o valor que os patrimônios possuem, promovendo, desta forma, a relação de respeito.

Durante minha pesquisa de campo no dia 10 de março de 2018, por volta das 16h:45min, nas praças trabalhadas, observei a falta de respeito da própria comunidade local em relação ao monumento Tenreiro Aranha presente na Praça 5 de Setembro (Praça da Saudade). É demasiado comum encontrar alunos, e demais pessoas, sentadas e até mesmo deitadas na base deste importante monumento. A obra encontra-se em lamentável situação, coberta de pichações. Este monumento simboliza um marco importante para a história amazonense, pois se trata da elevação do Amazonas à categoria de Província, quando o Amazonas deixou de ser subordinada à Província Grão-Pará a partir do momento em que Dom Pedro II oficializou a autonomia política do Estado do Amazonas. O busto sobre a coluna do monumento representa Tenreiro Aranha que foi o primeiro presidente do Amazonas. Há uma necessidade de se fazer com que a comunidade passe a olhar a apreciar o lugar onde vivem, que passem a valorizar os seus patrimônios, pois eles fazem parte de sua história e cultura.



Figura 1: Violação ao monumento à Tenreiro Aranha.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018, às 16h:50min

Muitos turistas, ao visitarem monumentos históricos, procuram o reencontro com o passado, com tradições e identidades. Encontrar ou manter algum tipo de identidade reflete a necessidade de pertencimento que as pessoas têm.

Segundo Baretto (2007, p.97), manter alguma identidade parece ser essencial para que as pessoas se sintam unidas aos seus antepassados ou aos seus semelhantes, os costumes e hábitos que lhes informem de onde vêm. “O sentimento de pertencimento surge das experiências que os seres humanos desenvolvem durante sua vida social”.

O turismo que apresenta como principal atrativo a oferta cultural histórica, tem contribuído para manter prédios e até cidades. A conservação, preservação e recuperação do patrimônio histórico fazem parte de um processo representado pela conservação e pela recuperação da memória.

O envolvimento da comunidade é importante para o desenvolvimento sustentável do Turismo Cultural. Para que isto aconteça, observa-se a necessidade de haver uma educação patrimonial focada na apropriação e valorização da herança cultural, fatores para a preservação e conservação dos patrimônios e para fortalecer os sentimentos de identidade.



Para que isto aconteça, foi possível observar, nas pesquisas de campo, a falta de descrições que abordem a história e significado destas obras em grande parte dos monumentos. Foi notado sinais de vandalismo em algumas peças da praça Heliodoro Balbi, foram retiradas as placas de identificação. Falta o entendimento e a valorização dos patrimônios pela comunidade local.

2.3 Patrimônio e sua Preservação

A autora Baretto (2007, p. 110) define patrimônio como um conjunto de bens que alguma pessoa ou instituição possui e, por isso, pode-se falar em patrimônio público, patrimônio privado ou patrimônio nacional.

O patrimônio faz parte de uma herança cultural. Em passadas épocas, estava designado à bens materiais que eram transmitidos hereditariamente. Um bem só se torna patrimônio quando há consenso sobre o seu valor e este valor geralmente está ligado ao passado.

Segundo Choay, citada por Barreto, a palavra patrimônio, com a conotação atual, surgiu como uma abreviação de um atributo dado aos monumentos históricos durante a Revolução Francesa. Os documentos que justificavam a nacionalização dos bens do clero e da realeza alegam que estes são “patrimônio e herança de todos” (Choay, 2001, p.98 *apud* BARETTO, 2007, p.110). A partir daí houve um processo de elipse pelo qual passou a denominar simplesmente “patrimônio” ao monumento que foi declarado “patrimônio de todos”.

Durante o Segundo Reinado, no Brasil, D. Pedro II procurou construir uma nacionalidade do país, criar um determinado patrimônio nacional. Para isso, ele buscou no passado uma história específica. De acordo com a autora Lilia Moritz

Schwarcz, “tratava-se de encontrar uma “origem” honrosa num momento remoto em que conviveriam indígenas e nobres brancos em uma região igualmente lendária e perdida num passado imemorable” (SCHWARCZ, 2012, p.337). Para isso foi criado o IHGB¹ que tinha como função produzir uma identidade cultural, social e política, tendo como responsabilidade criar um projeto que escrevesse a história do Brasil e um modelo que representasse a identidade brasileira através da formação da nação e raças que a compuseram. Segundo a autora Schwarcz (2012, p. 340), o Império preocupava-se com o registro e a perpetuação da própria memória, e com a consolidação de um projeto romântico, para a conformação de uma cultura cujo, ao que tudo indicava, seria “genuinamente nacional”. O romantismo no Brasil não se tratou apenas de um projeto estético, mas também como um movimento de cunho cultural e político. O indígena foi um símbolo nacional de uma representação romântica, foi retratado em vários livros de romances, tais como: Iracema, Juca-Pirama, entre outros. A literatura tornou-se um exercício de patriotismo. Na década de 1930 surgiu a simbologia nacional mestiçada. O mestiço tornou-se um ícone nacional, um símbolo da nossa identidade.

A ideia de preservação de um patrimônio surgiu na Europa no século XIX, onde foi formulado os princípios de conservação patrimonial. Durante a Revolução Francesa, a França foi responsável pela destruição de muitos monumentos intocáveis, tais como igrejas incendiadas, castelos saqueados, estátuas derrubadas. Com isso, as posteriores gerações deram início às políticas de preservação. O autor Camargo (2002, p.20) cita como exemplo a catedral de Notre-Dame, cuja fachada foi severamente danificada.

[...] a política de preservação na França surgiu de razões práticas. Em primeiro lugar, com a extinção da monarquia. Com isso, os bens da Coroa, que eram da família reinante, passam para o Estado, bem como as intocáveis propriedades do clero e da Igreja (CAMARGO, 2002, p. 19).

A autora Choay cita dois processos distintos em relação à preservação dos patrimônios na França. O primeiro, como citado por Camargo, teria sido a

¹ IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

transferência dos bens da Coroa para a nação. E o segundo “é a destruição ideológica de que foi objeto uma parte desses bens” (CHOAY, 2001, p.97). A França em revolução não visou apenas à conservação das igrejas medievais que haviam sido incendiadas e destruídas, mas, em toda a sua riqueza, à totalidade dos seus patrimônios nacionais.

A Revolução Francesa foi um grande marco para a conservação dos monumentos. Pois, durante este acontecimento, os patrimônios não eram valorizados, sofreram total vandalismo. Muitas igrejas, catedrais e castelos, nesta época, foram saqueadas, incendiadas, derrubadas.

Além da França, a Inglaterra procurou recuperar e preservar os monumentos que haviam sido vandalizados durante o processo de Reforma religiosa pela qual passou na Idade Moderna, assim, reconhecendo a importância dos monumentos. Segundo Choay (2001, p.93), com este acontecimento, os antiquários ingleses colocaram em doutrinas claras a questão da restauração de seus monumentos. Neste mesmo período, a Itália focou na restauração da arquitetura romana, passando a pensar na proteção de seus monumentos.

Para o autor Ruskin, citado pela autora Choay (2001, p.139), “a arquitetura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos nossa identidade, e que é parte de nosso ser”. Podemos observar que este processo de recuperação e proteção dos monumentos, passou a ter uma suma importância e se difundiu por vários países. O patrimônio tornou a ser visto como um medidor entre os mortos e os vivos. A partir daí, podemos ver a necessidade de haver preservação dos patrimônios, para que desta forma elas permaneçam intactas para as gerações futuras conhecerem seu passado, tradições e os acontecimentos de sua cidade. A destruição dos bens acarreta num rompimento do conhecimento. Considera-se que somente pode ser considerado um bem cultural aquilo que simbolizar uma representação ou lembrança.

Em se tratando dos monumentos presentes nas praças trabalhadas, encontram-se em total desvalorização e despercebidas pela população local. Os jovens não possuem nenhum conhecimento dos fatos ocorridos na cidade, mostram não ter interesse e principalmente não dão respeito aos patrimônios. Os monumentos

encontram-se violados, cobertos por pichações, sem placas de identificação, descasos. É importante ressaltar que Manaus passou por grandes transformações desde sua origem, possui uma extensa história e nas praças estão alguns monumentos que retratam uma lembrança destes fatos. Um exemplo disso é o monumento à Tenreiro Aranha, cujo representa não somente o 1º presidente do Amazonas, mas, a elevação do Amazonas à categoria de Província, um importante acontecimento no nosso Estado e infelizmente muitos jovens não possuem esse conhecimento.

2.4 Monumento histórico

A palavra monumento “vem de origem latim *monumentum*, que deriva de *monere* (advertir, lembrar), aquilo que traz à lembrança alguma coisa” (CHOAY, 2001, p.18). A autora ainda cita que monumento é tudo o que for edificado para rememorar acontecimentos. Sua essência é a relação com o passado vivido e a memória. É considerado um medidor entre passado e presente, capaz de permitir a identificação de uma nação.

Monumento histórico provém do século XV, quando as ruínas antigas da Roma Imperial passaram a ser valorizadas. Os papas realizaram as primeiras ações de preservação e restauração de monumentos. Durante a Revolução Francesa, os monumentos históricos passaram a ser patrimônios (propriedade, legado) da nação, surgindo desta forma a questão de preservação.

No período Renascentista os monumentos se ligavam às edificações da Antiguidade clássica, assegurando que fosse associada à noção de monumento histórico à arte e à arquitetura. Ainda em torno do século XVIII, os monumentos eram restritos aos antiquários e estetas, fundamentados nas antiguidades gregas e romanas.

Para Baretto (2007, p. 11), na medida em que os estados nacionais se consolidaram, o monumento-patrimônio passou a ser considerado um medidor entre passado e presente, capaz de dar a sensação de continuidade com o passado, e de ser um referencial de identificação com a população tanto no futuro quanto no presente.

O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração (CHOAY, 2001, p.26).

Monumentos não se tratam apenas de construções destacadas pelo seu estilo arquitetônico e beleza. Foram erguidos com uma determinada finalidade, tal como em memória de determinados acontecimentos ou figuras. Em uma matéria do jornal *Acrítica*, sobre monumentos revelarem história de Manaus, a autora em *História e Crítica da Arte*, Maria Evany do Nascimento, diz:

Um monumento revela uma série de informações sobre a história daquele lugar onde ele está presente. E é importante que a descrição do monumento esteja visível para que as pessoas tenham conhecimento sobre essa história do acontecimento ou figura a que se remete. Em Manaus, percebi que em algumas praças onde muitas obras foram erguidas ou colocadas não há uma identificação, por isso, a população não sabe quem é, o que é, quem fez. Senti muita falta disso, [...] (NASCIMENTO et al., 2013).

Diante desta fala da autora Nascimento, é possível observar a falta de haver um envolvimento da população local para que seja desenvolvido o turismo cultural. Para que isto aconteça é preciso que a comunidade conheça e valorize seus patrimônios, suas histórias.

Para a sustentabilidade do Turismo Cultural são fundamentais a apropriação e valorização da herança cultural, preservando e conservando os patrimônios. É importante conhecer, valorizar e principalmente respeitar. Do ponto de vista do turismo, seria preciso disponibilizar informações relacionadas a história dos patrimônios, para que assim sejam repassadas não somente aos turistas, mas, principalmente, para a população local.

Durante minhas visitas de campo, foi observado diferenças entre o ano de 2017 e o ano de 2018. Em novembro de 2017, especificamente no dia 11, durante minha visita notei placas de identificação em algumas das obras presentes nas praças trabalhadas, tais como: monumento à Tenreiro Aranha, monumento de Abertura dos Portos, cabeça à José Maria Ferreira de Castro, a herma de Dom Pedro II. Já em 2018, dia 10 de março, observei a falta das placas nas peças de José Maria Ferreira de Castro e na de Dom Pedro II. As demais peças da praça da polícia – Heliodoro Balbi - não apresentam placas com suas descrições. As placas de identificação nos monumentos: Tenreiro Aranha e Abertura dos Portos, encontram-se com as letras já meio desgastadas, sendo difícil efetuar a leitura. Desta maneira, reconhece-se a carência que a autora Maria Evany comentou na matéria citada, a falta de se ter identificação nos monumentos, tendo como consequência a falta de conhecimento da população, que não sabem do que se trata, seu significado e até mesmo quem é a figura retratada. Com a comunidade local tendo conhecimento e valorizando seus patrimônios, podem cobrar dos turistas uma postura de respeito.



Figura 2: Peça Ninfa, sem identificação.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:45min



Figura 3: Peça José Maria Ferreira, placa de identificação removida.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:50min

A autora Choay (2001, p. 111-118) aborda os valores que os monumentos atribuem. Em sua obra *Alegoria do Patrimônio*, ela cita 4 valores. O primeiro, é o valor nacional, este é o fundamental, pois foi o que inspirou as medidas de conservação

dos monumentos. O segundo, valor cognitivo, este é educativo, pois os monumentos são portadores de conhecimentos específicos e gerais. O terceiro, o valor econômico. Este oferece modelos à indústria. Para atrair os visitantes estrangeiros. O quarto e último é o valor artístico. Trata-se das obras-primas da arte, a beleza dos monumentos. Na cidade de Manaus, os seus monumentos são classificados como comemorativos, e implantados para a obtenção de uma memória histórica. Entre os monumentos e praças na cidade, três praças – Praça 5 de Setembro, Praça São Sebastião, Praça Heliodoro Balbi - tem um destaque especial e são mostradas neste trabalho.

3. HISTÓRIA E MEMÓRIA DE MANAUS

3.1 Origem da Cidade de Manaus

Segundo Otoni Mesquita (2006), a origem da cidade de Manaus data do século XVII, quando os portugueses passaram a explorar a região amazônica em busca de escravos indígenas. Em torno de 1669, foi erguido na região um forte batizado com o nome de fortaleza da Barra do rio Negro. Com o povoamento do lugar, o forte recebeu diferentes nomes como: Fortaleza do Rio Negro, Lugar da Barra e Barra do Rio Negro.

De acordo com Mesquita (2006, p.27-28), em 1833, o governo paraense dividiu seu território em três comarcas, denominando-as de Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas. A Capitania do Rio Negro foi substituída pela comarca do Alto Amazonas, e o Lugar da Barra fora promovido à condição de vila, com a denominação de vila de Manaós e mantendo a posição de capital. E no ano de 1835, ocorreram as manifestações da Cabanagem, uma revolta popular que ocorreu na província Gão-Pará e era integrado por revoltosos formados de uma população pobre, denominada de cabanos. Durante um período de seis meses a comarca do Alto Amazonas cortou relações com o Grão-Pará.

O autor Otoni Mesquita (2006, p.29) relata que em 1848, a vila de Manaus foi promovida a cidade, denominada cidade da Barra do Rio Negro, e, em 5 de setembro de 1850, a comarca do Alto Amazonas foi elevada à categoria de Província. Com essas mudanças, a região passou a despertar interesse internacional, atraindo viajantes que divulgavam relatos e observações sobre a cidade. A instalação só ocorreu em 1º de janeiro de 1852, quando desembarcou na Barra o seu primeiro presidente, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que lamentou as péssimas condições em que se encontravam as obras públicas da cidade. Tenreiro Aranha preocupou-se principalmente em fazer melhoramentos na cidade e a remodelou urbanisticamente aplicando estética europeia.

A principal causa da desaceleração do andamento das obras, era a falta de materiais e de pessoas. O Ministério do Império concedeu 6 contos de réis e um engenheiro para auxiliar nas obras da Província. O presidente Ferreira Penna contratou, em 1853, operários provenientes de Portugal. Grande parte dos trabalhadores eram índios do Alto Rio Negro, mantidos na cidade por um sistema semi-escravocrata.

Em 4 de setembro de 1856, a Lei nº 68 mudou o nome da cidade Barra do Rio Negro para cidade de Manáos (MESQUITA, 2006, p.33). A cidade Manáos em nada se assemelhava aos aglomerados europeus, pois era toda desenhada por igarapés, residências feitas de madeira, palha e barro. Suas ruas eram mal niveladas, sem pavimentação e não havia nenhuma beleza arquitetural no ponto de vista europeu. A ideia de modernidade era obedecer aos padrões, valores e costumes impostos pelo mundo europeu, e Manaus não encontrava-se nestes quesitos de modernidade.

Em 1º de junho de 1872, a Lei nº 247 promulgou o Código de Posturas Municipais da cidade de Manaus visando à organização do espaço urbano com objetivo de torna-lo mais organizado, tanto no aspecto urbanístico quanto nos hábitos dos moradores. O Código apresentava punições, previa multas que oscilavam em prisão, em caso de infração de qualquer um de seus artigos. Nele encontravam-se proibições, tais como: fazer escavações ou tirar pedras em todo o litoral da cidade; cortar árvores dentro do município; ficavam sujeitos a multa os donos de carros ou carroças que chiassem pelas ruas ou praças da cidade; não podiam estender roupas às janelas, ruas e praças, assim como lavá-las nos igarapés; não era permitido retirar água do igarapé do Aterro para vendê-la à população; e havia uma pena de multa ou prisão para quem insultasse com palavras ou ações a qualquer pessoa (Coleção das Leis da Província do Amazonas, 1872, Tomo XX, p. 107, 109, 115, 116 e 125 apud MESQUITA, 2006, p. 43-44). A adoção do Código de Posturas mostra que as autoridades estavam preocupadas com o crescimento da cidade, mesmo que na época a cidade ainda fosse muito pequena e pobre. Entretanto, este Código só funcionava na região central, interferia diretamente na vida da população fazendo com que adotassem “na marra” os valores da civilização impostos pelos padrões europeus.

3.1.1 Obras Públicas

Mesquita (2006, p.52-53) diz que no ano de 1889, com a Proclamação da República no Brasil, encerrou-se a monarquia no País, iniciando uma nova fase da política brasileira; e no Amazonas começa a aflorar um período de prosperidade econômica que ficou evidenciado pelo crescente número de obras públicas realizadas na cidade de Manaus. A Corte e algumas cidades de províncias ostentavam exemplares da arquitetura colonial, assim como obras no estilo Neoclássico. O estilo neoclássico veio a servir como um padrão arquitetônico, copiado pelas províncias brasileiras.

Manaus tinha sua localização muito distante da Corte. Para chegar a ela era preciso percorrer longas viagens fluviais (MESQUITA, 2006, p.53). A cidade era cercada por um vasto e rico território, no entanto mantinha-se em condição de pobreza, pois não dispunha de braços para explorar suas riquezas. Segundo Mesquita (2006, p.54) a ligação entre alguns bairros era feita por meio de pontes de madeira que na maioria das vezes precisava de reparos, o que nos dias atuais continua acontecendo. A importância das obras ampliava-se na medida em que consideraram as condições precárias em que foram construídas. As dificuldades eram grandes para executar até mesmo obras pequenas e de suma importância. O atraso do desenvolvimento das obras públicas da cidade era decorrente da localização que era muito isolada e da carência de mão-de-obra.

As obras públicas na Província do Amazonas começaram somente na administração do vice-presidente Manoel Corrêa de Miranda, em maio de 1853. (MESQUITA, 2006, p.56-57).

3.1.2 A Borracha

De acordo com o autor Mesquita (2006, p.121), no século XX o aspecto visual da capital do Amazonas estava transformado. Apresentava um visual diferente do vilarejo do período monárquico. Tornara-se moderna, com uma aparência mais europeia, e ostentava uma situação de riqueza e progresso. Esse período de prosperidade foi denominado de “período áureo da borracha”, atribuindo-se a esse período a causa das transformações efetuadas na região. A comercialização da goma elástica foi a principal fonte de riqueza, que possibilitou radicais mudanças em muitos segmentos da sociedade amazônica.

Segundo Mesquita (2006, p.122), a Borracha é de origem vegetal, produzida pela seringueira, uma árvore de clima tropical. Este produto é o látex coagulado e defumado após sua retirada dos troncos das árvores. Sua produção era exportada em forma de calçado, mas nas últimas décadas do século XIX, estava padronizado o formato de pélas – grandes bolas de borracha em formatos ovais –, que eram transportadas dos mais distantes seringais em direção aos centros importadores. Os seringais eram nativos da Amazônia, eram os únicos produtores de borracha e, à medida que esta matéria se valorizava no mercado internacional, o Brasil tornava-se detentor do monopólio do produto.

Entre 1840 e 1850, a exportação da borracha limitava-se aos Estados Unidos e Inglaterra, onde foram registrados os capitais iniciais que dinamizaram a modesta produção da borracha (MESQUITA, 2006, p. 122). Para o escritor Márcio Souza (1977, p. 87), citado por Mesquita (2006, p.122), a comercialização desse produto alcançou, entre 1847 e 1860, o primeiro lugar na pauta de exportação. A borracha foi um grande atrativo para os trabalhadores que se dirigiram para a região em busca de riqueza.

O Estado conseguia tirar uma grande parte da riqueza vinda da exportação deste produto. Passaram, então, a cobrar imposto pela saída do referido material e, dessa forma, os cofres públicos usufruíram de uma situação de prosperidade que nunca antes experimentara. Mesquita (2006, p. 125), relata que os anos de 1892 à 1896 foi o período mais próspero do Estado, durante a administração do governador Eduardo Gonçalves Ribeiro. Os saldos cresciam e muito contribuiu para a execução de alguns melhoramentos na capital do Estado.

Em 1894, o governador Eduardo Ribeiro (1894, p. 42 e 48), citado por Mesquita (2006, p. 132), criticava a atuação da Companhia de Navegação do Amazonas por ter sua sede em Belém, prejudicando o comércio do Amazonas, pois parte da exportação do Estado era feita ainda pelo porto de Belém. Isso havia elevado os preços, o que tornava bastante cara qualquer mercadoria na Amazônia, afetando o consumidor.

3.1.3 Governo de Eduardo Ribeiro

Durante sua administração, Eduardo Ribeiro iniciou uma transformadora fase na História do Amazonas. Foi um dos governantes da era da borracha no Amazonas e teve uma bem-sucedida administração. Em poucos anos, realizou grande parte dos planos traçados, transformando Manaus de pequena vila para uma moderna cidade.

Para o pesquisador Luiz de Miranda Corrêa, citado por Mesquita, a atuação de Eduardo Ribeiro foi decisiva para a atualização dos padrões da cidade:

Não foi pequeno o seu trabalho. Se por um lado os cofres do Estado forneciam os recursos financeiros necessários, por outro lado o material humano era de desanimar. Não havia construtores e o pequeno número de técnicos e operários especializados não incentivavam os administradores a se lançarem em aventuras de grande porte. O Governador, entretanto, não deixa se intimidar. Importa tudo que não encontra no Estado. Desde material de construção à mão-de-obra. E inicia, ao mesmo tempo, um grande número de prédios que estavam fazendo falta à cidade em expansão (CORRÊA, 1969, p. 35 apud MESQUITA, 2006, p. 138).

Segundo Mesquita (2006, p.137), foi a partir do governo de Eduardo Ribeiro, que Manaus adquiriu uma nova configuração, um novo modelo, uma nova cara, sendo ampliada e embelezada por todos os cantos. Com a exportação da borracha gerando grandes riquezas, o Estado pôde financiar abundantes obras para os melhoramentos da cidade. A liderança política de Eduardo Ribeiro foi decisiva para a transformação e crescimento da cidade.

Manaus foi modernizada com novo projeto urbano e foram feitas novas vias de transporte e comunicação baseadas nas metrópoles Internacionais. As reformas transformaram a Manaus vilarejo em uma Capital Moderna para seu próprio usufruto, apresentando um modelo Parisiense representando como moderno.

Em sua obra *A Ilusão do Fausto*, a autora Edinea Mascarenhas Dias, relata que Manaus foi projetada e construída para atender uma demanda do capital internacional. Suas praças, seus edifícios, seus monumentos, todos dotados de estilos superpostos, importados da Europa. A cidade embelezada serviu para uma elite que desfrutou de uma infraestrutura urbana moderna, assim como as atividades culturais e de lazer (DIAS, 1999, p.11)

Com isso, Manaus foi construída procurando atender a nova demanda populacional cujos maiores beneficiados eram a elite da cidade (autônomos, comerciantes, profissionais liberais).

3.1.4 Processo de Modernização e Belle Époque Manauara

Durante a época da borracha, os administradores de Manaus tinham como objetivo modernizar e embelezar a cidade conforme às exigências econômicas e sociais deste período promissor da borracha. Era preciso que a cidade aparentasse uma aparência moderna, atraente, e principalmente limpa, para aqueles que vinham visitar a negócios ou mesmo estabelecer-se.

De acordo com a autora Dias, a arborização das praças de Manaus fora motivada pelos parques, jardins, praças e ruas das cidades de Londres e Paris. A ideia de modernidade era obedecer aos padrões, valores e costumes impostos pelo mundo europeu. Manaus não estava preparada para assumir a função de “capital mundial da borracha”. Seu porto encontrava-se em condições precárias, os prédios públicos estavam em ruínas e construídos fora do estilo que a modernidade exigia, seus calçamentos eram irregulares, etc (DIAS, 1999, p. 32-37).

Com a grande exportação da borracha na capital amazonense, Manaus precisava apresentar-se digna de um centro exportador e importador ligado ao comércio internacional. Desta forma, tornou-se uma tarefa de urgência projetar a cidade para uma imagem moderna e civilizada.

O autor Otoni Mesquita (2006, p. 141) dividiu o período áureo da borracha em três fases, que influenciaram a execução das obras públicas da cidade, sendo o período de 1892 a 1900 como o das grandes mudanças de Manaus, uma época em que foram introduzidos melhoramentos urbanos e construções públicas, especificando-o como a fase de Instalação. A primeira década do século XX foi considerado como a segunda fase, correspondendo a fase da belle époque. A terceira fase foi marcada pela decadência, que iniciou juntamente com o século, mas que só foi evidenciado a partir de 1910, quando já não era mais possível esconder a perda do monopólio da borracha e a dissolução da elite financeira.

“Manaus foi uma das poucas cidades brasileiras a ter vivenciado o período da belle époque” (MESQUITA, 2006, p. 142). Toda riqueza da região era proveniente da borracha e o lucro provinha da comercialização desse produto. Através dessa riqueza tornou-se possível financiar os projetos de modernização na capital Amazonense, iniciando uma fase de transformações. Manaus sofreu uma grande mudança em sua visualidade e sua população ampliou. A sociedade assumiu características cosmopolitas, típicas da belle époque. Os melhoramentos feitos na cidade foram equipados conforme o conceito de “civilização e progresso” impostos pelos europeus.

A atualização de Manaus aos padrões urbanos vigentes da época implicava em adoção de modelos que muitas vezes não se ajustavam às condições da região. Assim, foi preciso redefinir o espaço urbano, modificando o antigo traçado de sua área central.

3.1.5 Belle Époque e Vida Cultural

Ao iniciar o século XX muitas obras públicas da cidade já estavam concluídas. Manaus alcançou um novo status, deixando de ser um lugar provinciano e tornando-se uma cidade moderna com ares europeus, principalmente em se tratando de sua aparência. As mudanças não eram somente no aspecto arquitetônico e condições urbanísticas, mas também houve mudanças nos costumes onde foram introduzidos novos e variados gerando um ambiente cosmopolita. Houve a entrada de numerosos estrangeiros e brasileiros de outras regiões.

[...] os filhos da elite local sofriam forte influência da cultura europeia, especialmente da França, para onde tradicionalmente eram enviados para completarem sua educação, e de onde traziam costumes e modismos atualizados, que eram consumidos pela sociedade local, ávida de ideias moderadas e predispostas a ignorar os limites da realidade amazônica (MESQUITA, 2006, p.146).

O grande crescimento de Manaus foi um choque para a população nativa, devido à diversidade de elementos culturais, houve mudanças nos hábitos e costumes indígenas para o dos europeus.

As obras realizadas em Paris e as ideias trazidas pela Missão Francesa² aos poucos difundiram-se pelas cidades brasileiras e, no final do século XIX, o Brasil passava a aspirar aos padrões de vida adotados pelas metrópoles modernas (MESQUITA, 2006, p. 162).

Os padrões implicavam em adotar várias medidas e serviços que visavam embelezar, sanear e modernizar os centros urbanos, tornando-os agradáveis e saudáveis. As ideias sobre a civilização europeia geravam o modelo idealizado enquanto que os propagados resultados europeus serviam de referência para a construção da almejada sociedade mais saudável e moderna.

² Grupo de artistas franceses.

3.1.6 Migração e Mão-de-Obra

Segundo Mesquita (2006, p.182), naquela época Manaus era divulgada com certos exageros, sendo vista como um lugar de nativos selvagens e condições de vida muito precárias, tal divulgação da imagem causava temores nas pessoas de outras regiões. A cidade carecia de desenvolvimento em se tratando de estrutura em seus serviços, e para isso acontecer, não havia mão-de-obra. Os administradores buscavam atrair mão-de-obra de várias formas, almejavam que os imigrantes europeus ocupassem a região, entretanto, obtiveram muitas tentativas frustradas. Na última década do século XIX, os nordestinos estavam fugindo das secas que consumiam o Nordeste brasileiros, serviram como braços para a mão-de-obra em Manaus, no entanto, não possuíam nenhuma experiência.

De acordo com o autor Mesquita:

Um dos grandes incentivadores da imigração foi o governador Eduardo Ribeiro, que empreendeu um arrojado projeto para atrair “artistas” do mundo todo para a região. Através da Lei n.º 8, de 21 de setembro de 1892, o governador Eduardo Ribeiro ficou autorizado a conceder, gratuitamente, passagens de terceira classe a bordo dos “paquetes” do sul do país, da Europa ou da América do Norte, para todo artista nacional ou estrangeiro que pretendesse fixar-se na região; tal benefício era extensivo aos familiares do interessado, que no primeiro mês, enquanto não encontrassem “ocupação”, teria direito a alojamento e uma diária de 2\$000 réis (Coleção de Leis, 1892, 1901, p.5; apud, MESQUITA, 2006, p.182).

Em torno de 1893, desembarcou em Manaus, profissionais de vários lugares, grande parte vindos do Nordeste: Maranhão e Bahia. Desembarcaram também, europeus, entretanto, não obtiveram bons resultados no clima equatorial da região. Apesar de haver chegado trabalhadores das demais regiões brasileiras, os administradores de Manaus queriam mão-de-obra e capital de estrangeiros.

Segundo Mesquita:

Em 17 de março de 1900, o jornal *A Federação* divulgou ter sido publicado no Diário Oficial daquele mês o contrato feito entre o governo do Estado e o

fotógrafo Felipe Augusto Fidanza, para a produção de seis mil álbuns “ilustrados em edição de luxo destinados à propaganda do desenvolvimento do Estado do Amazonas” (MESQUITA, 2006, p. 185).

O Álbum do Amazonas tinha como objetivo fazer uma propaganda das condições de “progresso e civilização” nas quais se encontrava a cidade de Manaus neste período.

3.1.7 A influência italiana

De acordo com Otoni Mesquita (2006, p.185 – 186), em se tratando de mão-de-obra em Manaus, desde o período provincial é possível notarmos a participação de profissionais provindos da Itália e até mesmo de brasileiros com formação neste país. Mesquita menciona alguns profissionais e empresas cujo tiveram influência nas obras de Manaus, entre eles: Leonardo Antonio Malcher, Celeste Saccardi, José Hermida, Rossi & Irmão, Paulo Cameller & Gil, Taciano Maurillo Torres, Ambrósio Bruno Candis, Couto & Lucas, entre muitos outros. O autor relata que a mão-de-obra italiana, em Manaus, intensificou-se com a construção do Teatro Amazonas, onde foi contratado o renomado artista pernambucano Crispim do Amaral, formado pela Academia de São Lucas, na Itália; para a decoração do teatro, foram contratados vários artistas italianos, tais como: Domenico de Angelis que trouxe consigo assistentes, Henrique Mazzoline responsável pela decoração externa do prédio. Segundo o autor, há muitas obras, no teatro, de vários autores italianos anônimos. As pinturas do salão nobre foram feitas em Roma, no atelier do artista Capranesi, e os bustos de gesso do atelier de Enrico Quatrinni.

A presença de profissionais italianos é demasiado marcante com o seu gosto estético e formação técnica nas construções manauara, bem como nas áreas destinadas à arte, como: música, teatro e artes plásticas. O escultor Enrico Quatrinni além de ter obras no teatro Amazonas, assinou os monumentos mais destacados da cidade, o da elevação do Amazonas à categoria de província e o da abertura dos portos. Mesquita (2006, p. 187), relata que foram importados demasiados operários

italianos. Foi atuante a marmoaria Ítalo-Amazonense, produção de esculturas em mármore pela cidade.

3.1.8 O Ecletismo

De acordo com Mesquita (2006, p.311), no século XIX, o ecletismo era um estilo arquitetônico predominante em grande parte do mundo ocidental. Refletiu diferentes tendências de uma época cujo passou por grandiosas transformações. Este estilo mesclava diferentes tendências artísticas em uma mesma obra ou conjunto de obras. Rapidamente ela expandiu-se pela Europa e posteriormente instalou-se nos demais continentes. É uma arquitetura burguesa e de espírito romântico cujo preocupava-se bastante com o ornamento das construções e com a aparência.

Segundo Mesquita (2006, p.318), o Ecletismo no Brasil, derivou do Neoclássico, desenvolvido pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny na primeira metade do século XIX. As cidades brasileiras buscavam adotar o aspecto das metrópoles europeias, tendo a arquitetura como destaque na definição de aparência. Assim como na Europa, este estilo sofreu fortes críticas no Brasil, entretanto, foi adotado em todas as regiões brasileiras.

Em Manaus, encontra-se variados gostos arquitetônicos. Desde cedo manifestou uma forte tendência ao Ecletismo, tendo a convivência com diversas culturas no mesmo espaço. Havia uma mistura de cultura indígena (nativa) com a cultura europeia.

Em Manaus, há presente três tendências predominantes. Primeiro, a mais tradicional na região, o Neoclassicismo, implantado com a primeira obra arquitetônica, a igreja da Matriz. O neoclássico é bastante predominante na praça Heliodoro Balbi, onde as obras presentes são de aspecto da mitologia greco-romana, tendo presente esculturas de deuses romanos e gregos, bem como demais outros seres mitológico greco-romanos. A segunda tendência é o estilo Neorrenascentistas, presente nos

prédios públicos e oficiais. De acordo com Mesquita (2006, p.322), a presença deste estilo pode ser explicado pela presença de operários e artistas italianos. A terceira tendência, o ecletismo, em decorrência da mistura de estilos na cidade.

4 AS PRAÇAS PÚBLICAS DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

Segundo Mesquita (2006, p.273), as praças e os equipamentos públicos tornaram-se essenciais para vida no espaço urbano. Estes espaços foram ampliados e passaram a valorizar o lazer público e o comércio, revelando os ideais de civilização e o progresso.

O governador Eduardo Ribeiro, com sua administração, estabeleceu uma política de embelezamento que posteriormente foi adotada pelos seus sucessores. Com este plano, não somente as praças tornaram-se embelezadas, mas as ruas da cidade também passaram a ter arborização, pois na época, além de constituírem obras embelezadoras, eram exigência da higiene e saúde pública. Os melhoramentos contribuíram para amenizar o calor das áreas urbanas e criou opção de lazer, já que as praças tornaram-se espaços amistosos onde as famílias podiam passear e as crianças brincar, e juntos todos apreciavam os encantos das referidas praças.

4.1 Praça 5 de Setembro



Figura 4 – Praça da Saudade com o monumento à Elevação do Amazonas à categoria de Província.

Fonte: Otoni Mesquita – Manaus, História e Arquitetura (1852-1910)

O autor Otoni Mesquita relata que são raros os dados relacionados a origem da praça da Saudade.

[...] um texto promocional produzido na administração do prefeito Manoel Ribeiro, em 1986, redigido por Jane Damian, afirma que a praça foi aberta em 1865, e a iniciativa de oficializar o seu nome partiu do vereador David Vasconcellos Canavarro, em sessão da Câmara Municipal, de 31 de julho de 1867 (MESQUITA, 2006, p.288).

Sua denominação “Praça da Saudade”, surgiu em decorrência de sua localização próxima ao cemitério São José, que fora mudado para a Avenida Boulevard Álvaro Maia e atualmente chamado de Cemitério São João Batista. Atualmente o espaço antes ocupado pelo cemitério São José está ocupado pelo Atlético Rio Negro Clube.

Em 1893 a praça estendia-se desde o atual Instituto de Educação do Amazonas (IEA) até a avenida Epaminondas. Não existiam as casas residenciais que atualmente há entre o Instituto de Educação e a rua Ferreira Pena.



Figura 5: Praça da Saudade entre 1901 – 1902

Fonte: Álbum dos Amazonas: 1901-1902

Segundo Mesquita (2006, p.290), a praça da Saudade era quase quadrada, cortada por oito alamedas que se dirigiam ao centro da praça onde se encontrava a estátua de Tenreiro Aranha. Não havia muita arborização. Em algumas de suas extremidades havia uma estrutura apoiando os vegetais.

A praça passou por diversas modificações ao longo dos anos, e já teve diversos outros nomes. Foi somente no ano de 1937, sob a Lei nº 225, de 6 de setembro, que a atual Praça da Saudade passou a se chamar Praça 5 de Setembro, seu nome atual.

Suas reformas começaram na gestão do prefeito Álvaro Botelho Maia (1938-1939), quando veio sofrer diversas modificações, com a renovação dos canteiros, além da substituição dos bancos de cimento e madeira por bancos de concreto. Os pilares da praça foram pintados e exemplares de árvores exóticas como Magnólias e Acácias foram plantadas. Atualmente ela possui bancos de madeira, canteiros, um monumento e pilares.



Figura 6: Canteiros da Praça da Saudade.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:00



Figura 7: Pilares da Praça da Saudade.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:05min

Com relação ao monumento existente na Praça da Saudade, Mesquita (2006, p. 291) relata que é dedicado à data de Elevação à Categoria de Província do Amazonas, também sendo uma homenagem ao primeiro presidente da província, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Havia também esculturas do homem moderno e do homem pré-histórico. Atualmente essas obras não encontram-se mais na praça.

O entorno da Praça da Saudade é composto pela Sociedade de Habitação do Amazonas, pelo Atlético Rio Negro Clube e por casas particulares e comerciais.

A Praça da Saudade, hoje, detém-se a três finalidades básicas: frequentada por alunos de escolas próximas, alimentação e realização de eventos (culturais, políticos e religiosos). Nos dias atuais, a praça perdeu a sua característica familiar que lhe era peculiar em outras épocas, durante minhas pesquisas de campo nesta praça, especificamente nos dias 10 de março de 2018 em torno das 16 horas e no dia 28 de maio de 2018 em torno das 11h:20min, notei pouca movimentação nesta praça, devido à falta de segurança. A movimentação em grande parte é feita por alunos que estudam escolas próximas. E, foi observado a presença de usuários de drogas no local, tais usuários que ali se instalam e fazem com que as pessoas tenham medo de ali circular. Durante o meu trajeto para casa, saindo da faculdade, passo por esta praça e notei que no período noturno há uma movimentação devido a um bar que se encontra ao lado da praça, no entanto, a praça encontra-se em total escuridão.

Em se tratando de eventos, em maio de 2017 e nos meses de janeiro a fevereiro deste ano, 2018, ocorreu a Expo Flores de Manaus, um festival das flores de Holambra. O evento foi uma exposição e venda de flores e de plantas ornamentais, e também de produtos relacionados a jardinagem, bem como: adubos, etc. Foi um festival que atraiu uma grande movimentação da população local.

4.2 Praça São Sebastião



Figura 8: Praça São Sebastião em torno de 1901-1902

Fonte: Álbum do Amazonas: 1901-1902

A Praça São Sebastião é um dos grandes símbolos do período áureo da borracha em Manaus, e nela está situado o Teatro Amazonas. Foi inaugurada em 1867 e é considerada um dos patrimônios históricos mais valiosos da cidade, juntamente com o monumento de 'Abertura dos Portos do Amazonas ao Comércio Mundial', que se encontra bem no centro da praça. No entorno da praça encontram-se a igreja São Sebastião, galerias de arte, cafés, pizzaria, o MUSA, centro de exposições, o Teatro Amazonas e o museu Palácio da Justiça. Em 2005, foram revitalizados os casarões históricos do entorno do Teatro Amazonas e instalado diversos bares e pequenos museus.



Figura 9: Alguns estabelecimentos localizados na Praça São Sebastião.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 14/11/2017 às 11:14



Figura 10: MUSA

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 14/11/2017 às 11:20

Possui calçadas com pedras portuguesas pretas e brancas, inspiradas pela técnica “mosaico português”, da praça Dom Pedro IV (Praça do Rossio), em Lisboa. O desenho original retrata o encontro das águas doces do Rio Tejo na Península Ibérica com o Oceano Atlântico. Já na calçada da Praça São Sebastião, em Manaus, o desenho representa o encontro das águas do Rio Negro (de água escura) e do Rio Solimões (de água barrenta). Esse mesmo desenho inspirou o calçadão de Copacabana, no Rio de Janeiro.



Figura 11: Calçada da Praça do Rossio

Fonte: Dicas de Lisboa. Disponível em:

<https://www.dicasdelisboa.com.br/2015/04/praca-do-rossio-dom-pedro-iv-em-lisboa-portugal.html#>



Figura 12: Calçada da Praça São Sebastião, inspirada no calçadão da Praça do Rossio.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:16min

Devido a presença do Teatro Amazonas nesta praça, o logradouro recebe inúmeros visitantes nacionais e estrangeiros que param para apreciar não somente o Teatro e a Igreja, mas também o Monumento localizado no centro desta praça.

4.3 Praça Heliodoro Balbi



Figura 13: Praça da Polícia entre 1901 – 1902

Fonte: Álbum do Amazonas: 1901-1902

Conhecida popularmente como praça da Polícia pelo fato de se localizar em frente ao quartel da Polícia Militar, hoje um museu. Ao longo de seus anos, já obteve diversos nomes, tais como: largo do Palacete, Praça da Constituição, Praça Gonçalves Ledo, Praça Roosevelt, Praça João Pessoa e Praça 28 de Setembro.

[...] em informações contidas num folheto produzido durante a administração do prefeito Manoel Ribeiro consta que a construção e ajardinamento da praça só ocorreram em 1906, por determinação do prefeito Adolpho Lisboa (MESQUITA, 2006, p.284).

Foi construída toda no estilo inglês, e é a mais arborizada da cidade. Suas esculturas foram todas trazidas da França. É possível observar nesta praça que as esculturas presentes possuem uma referência a caça. Nela encontramos uma escultura da deusa Diana, que na mitologia romana é uma deusa caçadora, uma ninfa, uma figura de Hermes, o deus mensageiro e do comércio, um javali e um cão. E, além destas peças, encontram-se chafarizes, um coreto de ferro, um busto e uma cabeça.

Na figura 14, é possível observar o quanto a praça é arborizada. As árvores são identificadas. No entanto, algumas estão sem identificação pois as mesmas foram retiradas.



Figura 14: Parte da Praça Heliodoro Balbi

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:46min



Figura 15: Identificação da árvore frutífera Manga.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:49min

Através das minhas pesquisas de campo nos dias 10 de março em torno das 15h30min e 28 de maio a partir das 12h:30min, notei a praça é bastante frequentada por alunos da escola Dom Pedro II, que se encontra em frente à praça, e de alunos oriundos de outras escolas próximas.

Nas proximidades da praça, há ainda outros espaços tradicionais, como o Colégio Amazonense Dom Pedro II, também conhecido como Estadual e o Palacete Provincial. Descendo em direção à Av. Eduardo Ribeiro há a Biblioteca Pública do Amazonas e seguindo a Av. 7 de Setembro, encontra-se o Palácio Rio Negro.

4.3.1 Clube da Madrugada



Figura 16: O Clube da Madrugada.

Fonte: Acrítica. Disponível em:

<http://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/aniversario-de-60-anos-do-clube-da-madrugada-e-relembrado-na-academia-amazonense-de-letras>

Segundo a autora Luciane Páscoa (2011, pág.79), o Clube da Madrugada surgiu em decorrência de um desejo por renovação estética de um grupo de poetas, artistas plásticos, escritores e intelectuais cujo estavam cansados do isolamento cultural causado por dificuldades econômicas. A autora relata que as artes plásticas em Manaus eram dominadas por duas correntes estéticas: o academismo e a arte naif. Posteriormente a Primeira Guerra Mundial, acabou o período rico em realizações culturais e econômicas, o período da borracha.

É de fato que Manaus passou por grandes transformações urbanísticas, da arquitetura neoclássica do final da época imperial (anos 70 e 80 do século XIX) para a arquitetura eclética a partir da reforma do governador Eduardo Ribeiro.

De acordo com a autora Páscoa (2011, pág.85), o Clube da Madrugada nasceu em 22 de novembro de 1954, na praça Heliodoro Balbi. Tendo como integrantes: Carlos Farias de Carvalho, Fernando Colliyer, Francisco Ferreira Batista, Humberto Paiva, João Bosco Araújo, José Pereira Trindade, Luiz Bacellar, Saul Benchimol e Theodoro Botinelly. O Clube discutia literatura e arte a céu aberto, debaixo de uma árvore chamada “Mulateiro”.



Figura 17: O Mulateiro.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
28/05/2018 às 12:15



Figura 18: Placa informativa sobre o Clube da Madrugada.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
28/05/2018 às 12:20

Recordação de Anísio Mello:

Os clubistas escreviam seus poemas, suas crônicas, e levavam para ler ou para que alguém lesse na roda do Clube da Madrugada na praça da Polícia, como era feito anteriormente no porão da minha casa na rua Dr. Moreira. Foi aí que começou a surgir o Clube da Madrugada, pois os outros grêmios que haviam na cidade concordaram com a união deles no Clube. Em vez de ter vários grêmios com nomes diferentes, nós fundamos o Clube da Madrugada com uma finalidade que era a mesma de todos; houve a fusão dos grêmios e surgiu em seguida a ideia de pôr um nome nesse movimento. Levando em conta que as reuniões tinham hora para começar e não para terminar, além do desejo de inovar, o poeta Luiz Bacellar sugeriu o nome Madrugada. (Mello, citado por Páscoa, 2011, pág. 85).

O Clube buscava novas linguagens, da renovação estética. Apresentavam um movimento de resistência aos preceitos acadêmicos, afirmavam a ideia de liberdade política por meio da arte e da cultura. Queriam combater o marasmo cultural local, conhecer o que se pensavam e produziam em outros lugares, trocavam informações com demais clubes de outras localidades. O clube da Madrugada teve seu manifesto publicado na primeira e única edição da Revista Madrugada I, em novembro de 1955, como comemoração de um ano de formação do Clube.

Um pequeno núcleo que mais tarde figurou o Clube da Madrugada, viajavam pelo Brasil em busca de um intercâmbio cultural. Denominou-se de “Caravana”, composta pelos poetas Jorge Tufic, Farias de Carvalho, Alencar e Silva e Antisthenes Pinto. Com as experiências decorrentes desse intercâmbio, os poetas deixavam os rígidos padrões tradicionais e compunham seus poemas aventurando-se pelas novas tendências em suas publicações. O grupo buscou conhecer o Nordeste, bem como a sua gente, seus costumes, o folclore e os seus problemas sociais.

As primeiras propostas do Clube, antes da redação do manifesto, mostravam um programa de luta e buscavam romper com uma certa mistificação do homem da região. Teriam como um de seus objetivos desenvolver uma análise de todas as categorias do conhecimento relativas à Amazônia. Desejavam fazer um esforço para compensar o “atraso de meio século” e compreender, em seus fundamentos básicos, a função da literatura e das artes no século XX, começando a estudar o movimento modernista da Semana de 22.

O Clube da Madrugada tinha como objetivo transformar o estilo da produção literária local. Buscavam coesão com outras tendências literárias que predominavam em outros lugares. O Clube foi um movimento cultural que reavivou a estética local em vários âmbitos, tomando parte em todas as atividades de vanguarda da época, seja como elemento de ação, promoção ou coordenação.

5 MONUMENTOS PÚBLICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

Em sua obra “Monumentos Públicos do Centro Histórico de Manaus”, a autora Maria Evanny do Nascimento (2013, p.11) escreveu sobre os espaços públicos do Centro de Manaus, trazendo um pouco sobre as obras escultóricas e pictóricas vistas nas praças públicas. Segundo a autora, grande parte das obras foram feitas durante o período econômico da borracha e importadas diretamente da Europa.

O trabalho compreende peças datadas de 1882 a 1995. No período de 1882 a 1906, época em que a economia da borracha financiou a importação de objetos artísticos, temos os objetos mais decorativos como coretos e fontes. De 1930 a 1995, tem-se a colocação de obras homenageando personalidades da história do Brasil e de Manaus. São obras menos monumentais, como os bustos. Na década de 1940, no entanto, foi registrada a colocação de dois monumentos comemorativos: o Obelisco (Monumento à Cidade de Manaus) e o Monumento à N. S. da Conceição (NASCIMENTO, 2003, p.11-12).

A autora Nascimento classificou as obras quanto ao material, tais como: bronze, ferro, mármore e cimento. E quanto à categoria artística: pictóricas e tridimensionais.

Nas três praças aqui abordadas (Praça da Saudade, Praça São Sebastião e Praça da Polícia), só são encontradas obras tridimensionais, que representam peças como: Alegoria, Busto, Cabeça, Elementos Arquitetônicos, Estátua Sagrada, Fontes Decorativas, Grupos Escultóricos, Herma, Máscara e Monumentos.

5.1 Obras Tridimensionais

As obras foram feitas em materiais diferenciados, tais como: o mármore, o bronze, o ferro e algumas modeladas em cimento. “É importante frisar que o uso do

material influencia na obra e age diretamente sobre sua conservação” (NASCIMENTO, 2013, p. 53).

5.1.1 Busto – Cabeça – Herma – Máscara

Segundo a autora Nascimento, a máscara trata-se de uma representação do rosto. É possível encontrarmos uma na praça Heliodoro Balbi, a seguir será mostrada. O que se chama de cabeça em artes plásticas é a representação pictórica ou escultural da cabeça humana, que não vai além do tratamento do pescoço. O busto é a representação da cabeça humana, integrada ao pescoço e parte do peito. A herma é um busto, em que peito, costas e ombros são cortados por planos verticais. Dentro desta categoria encontram-se homenagens a personalidades que marcaram a história do Amazonas e do Brasil (NASCIMENTO, 2013, p. 54-55).

5.1.1.1 Cabeça dedicada à José Maria Ferreira de Castro

Em iniciativa da UBE-AM (União Brasileira de Escritores do Amazonas), foi feito em homenagem ao escritor de *A Selva*, José Maria Ferreira Castro, uma cabeça que podemos encontrar na praça Heliodoro Balbi, e outra na entrada do ICHL, no Campus da Universidade do Amazonas. A peça apresenta duas placas, que datam sua colocação em 06 de Setembro de 1986.



Figura 19: Cabeça em homenagem ao escritor José Maria Ferreira de Castro.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 14/11/2017 às 10:00.



Figura 20: Placa decorativa da obra em homenagem a José Maria Ferreira de Castro.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em 14/11/2017 às 10:03.

Nota-se a diferença entre a figura 19, tirada em novembro de 2017, e a figura 21, tirada em maio de 2018. Observa-se que a mesma peça que antes possuía uma placa de identificação, atualmente encontra-se violada, onde suas placas foram retiradas e atualmente encontra-se desta forma, sem identificação alguma. Aqui podemos ver a falta de respeito das pessoas para com os seus patrimônios. Tal atitude vem ocorrendo com variados monumentos em demais praças do centro histórico de Manaus.



Figura 21: Violação na obra dedicada à José Maria Ferreira de castro.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/05/2018 às 09:59h.

5.1.1.2 Máscara dedicada à Bento Bruno de Menezes



Figura 22: Máscara de Bento Menezes.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/05/2018 às 10h:00

O paraense Bento Bruno de Menezes foi um poeta, romancista e folclorista. Segundo a autora Evany Nascimento (2013, p.56), a peça foi colocada na praça Heliodoro Balbi em 1998.

A obra continha uma placa de identificação que trazia a data de nascimento e falecimento do escritor paraense e suas áreas de trabalho na literatura. Como podemos ver na figura 17 acima, atualmente a peça encontra-se sem essa identificação. Mais um patrimônio violado e desrespeitado.

5.1.1.3 Herma à Dom Pedro I



Figura 23: Herma dedicada à Dom Pedro I.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
10/03/2018 às 15h:47min

Encontrada na Praça Heliodoro Balbi. Foi toda elaborada em bronze e com o pedestal feito em mármore. Apresenta uma placa com a sua data de colocação no ano de 1972.



Figura 24: Placa de identificação da Herma dedicada à Dom Pedro I.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:53min

5.1.2 Elementos Arquitetônicos

5.1.2.1 O Coreto de Ferro II



Figura 25: Coreto de Ferro II da Praça Heliodoro Balbi

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:00

É uma peça em ferro bem mais ornamentada que o da praça Dom Pedro II. É datada da primeira década do século XX, e provavelmente de proveniência da firma escocesa Mac Farlane, de Glasgov.



Figura 26: Detalhes da grade do Coreto. Demônios e dragões.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:04



Figura 27: Detalhes da cúpula do Coreto de Ferro.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:09

5.1.3 Estátuas Sagradas

São esculturas cujo representam alguma figura divina.

5.1.3.1 Estátua de São Sebastião

É uma escultura em mármore branco, colocado na torre central da Igreja de São Sebastião, localizada em frente à praça São Sebastião. Segundo a Igreja Católica, o santo São Sebastião foi um soldado romano convertido ao Cristianismo; devido a isso ele foi martirizado por flecheiros do imperador Maximiano, e depois flagelado até morrer.



Figura 28: Representação do Santo São Sebastião.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:28min

5.1.4 Fontes Decorativas

São guarnecidas de esculturas com ou sem ornamentos e possui sistema hidráulico.

5.1.4.1 A Fonte Decorativa da Praça Heliodoro Balbi

Esta Fonte Decorativa enfeita um dos lagos artificiais da referida praça da Polícia. Faz parte do conjunto de obras em ferro que ornamentam a mesma. Os detalhes da peça são rostos de crianças com grandes bochechas e adorno na cabeça em formato de concha, uma referência às águas.



Figura 29: Fonte da praça Heliodoro Balbi.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:52min

5.1.5 Grupos Escultóricos

São esculturas que pertencem a um mesmo tema e colocados no mesmo logradouro.

5.1.5.1 Grupo Escultórico do Palacete Provincial

Na entrada do palacete, encontram-se estas duas esculturas de ferro, que constituem um grupo escultórico.



Figura 30: Esculturas de ferro do Palacete Provincial, que se constitui um grupo escultórico.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:47min

Sobre a figura 31, trata-se de uma escultura feita em ferro fundido, possivelmente da empresa francesa Val D'osne. A mesma representa um Soldado Francês do Exército Regular.



Figura 31: Soldado Francês.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:58min



Figura 32: Zuavo da Força Colonial Argelina.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16:02min

A figura 32, de acordo com o livro *Caminhando por Manaus*, citado pela autora Evany Nascimento (2013, p. 162), representa um zuavo da Força Colonial Argelina (colônia da França até 1962). Segundo a autora, esta obra é uma cópia do zuavo encontrado no rio Siena, em Paris.

5.1.5.2 Grupo Escultórico encontrado nos jardins do Teatro Amazonas

É composto por quatro esculturas femininas. Duas são encontradas nos jardins frontais e as outras duas nos jardins posteriores. Cada uma dessas esculturas apresentam uma modalidade artística, sendo elas: poesia (deusa Calliope), música (deusa Euterpe), temperança (musa Thalia) e A Dama de Capuz.

5.1.5.2.1 A Poesia



Figura 33: Calliope, a deusa da poesia épica.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:20min

A escultura acima é a representação da Deusa Calliope, a deusa da poesia épica. A figura segura uma tábua na mão esquerda. Segundo Evany Nascimento (2013, p.189), a peça apresenta o estilo “panos molhados” desenvolvido na Grécia Antiga.

5.1.6.2.2 A Música



Figura 34: Euterpe, a musa da música.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
10/03/2018 às 15h:28min

Representada pela Euterpe, a musa da música. A peça apresenta o mesmo estilo que a da Poesia, “panos molhados” da Grécia Clássica. A figura carrega consigo uma harpa feita com os casco de tartaruga, uma prática comum na Antiguidade, segundo a autora Nascimento (2013, p.191).

5.1.5.2.3 Temperança



Figura 35: Thalia, a deusa da Temperança.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:32min

Representada pela musa Thalia. A escultura apresenta uma silhueta rígida e apoiada sobre uma espada representando a personificação da moderação, a Temperança.

5.1.5.2.4 A Dama de Capuz



Figura 36: A Dama de Capuz

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
10/03/2018 às 15h:35min

“A figura apresenta um caráter mórbido e misterioso que adquire devido ao capuz que oculta parte do seu rosto, reclinado para baixo. Seu seio está desnudo e na mão direita segura um ramo” (NASCIMENTO, 2013, p.195).

5.1.5.3 Grupo Escultórico da Praça Heliodoro Balbi

5.1.5.3.1 Diana Caçadora

Na mitologia romana, Diana é filha de Latona com o deus Júpiter e é irmã gêmea de Apolo. Diana é uma deusa donzela, pediu a seu pai a permissão de guardar virgindade perpétua. A deusa anda armada com seu arco e flecha e sempre acompanhada de ninfas e seguidoras e de cães. É considerada como rainha dos bosques. Tem como atividade favorita a caça.

A obra foi feita pela empresa Val D'Osne, na França.



Figura 37: Diana Caçadora.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018
às 15h:05min

5.1.5.3.2 A Ninfa



Figura 38: Ninfa.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
10/03/2018 às 15h:10min



Figura 39: Descrição do local de elaboração da peça Ninfa.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
15h:13min

Toda trabalhada em ferro fundido, simboliza o cortejo que acompanhava a deusa Diana. Veio trazida da França, como atestam as suas inscrições: *Pondu Par-le – Val D’osne – 58 B° Voltaire Paris*.

Segundo a mitologia, ninfas são divindades dos rios, bosques e montes. São meninas muito brincalhonas.

Na figura 39, podemos observar não somente a descrição do local de origem da peça, mas, também, a deterioração da obra. A obra apresenta algumas rachaduras. Vê-se a falta de conservação deste patrimônio. E, na figura 40, encontra-se mais uma violação em um patrimônio, uma pichação.



Figura 40: Pichação na peça da Ninfa.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
10/03/2018 às 15h:15min

5.1.5.3.3 Deus Hermes



Figura 41: Deus Hermes

Foto: SILVA, Yara. Tirada em:
10/03/2018 às 15h:20min

Deus Hermes, na mitologia grega, é o deus mensageiro, do comércio, eloquência e da arte de bem falar. Considerado como o protetor dos viajantes, e dos negociantes. Nesta peça, o deus carrega consigo uma tocha em sua mão direita.

Assim como as demais peças do grupo escultórico da praça Heliodoro Balbi, esta também foi feita pela empresa francesa Val D'Osne.

5.1.5.3.4 Cachorro e Javali



Figura 42: O cachorro e o Javali

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 15h:24min

É uma obra em ferro fundido e tem a assinatura de Ch. Perron. Representa uma luta entre um cão e um javali. “Este, em maior proporção que o outro, está por cima e sua expressão evidencia gritos de dor, pois o cão o ataca ferozmente mordendo-lhe a perna esquerda (NASCIMENTO, 2013, p. 208)”.

Em uma das minhas visitas de campo, presenciei o total desrespeito retratado na figura 42 acima. Um grupo de pessoas pararam para tirar fotos das obras encontradas na praça, e ao se depararem com esta peça do Cachorro e o Javali, colocaram uma criança em cima para tirarem foto. O mais absurdo de tudo é que no local havia policiais e seguranças, mas nada fizeram para acabar com essa violação. Desta forma, podemos ver a grande carência da população em relação a ter a consciência de preservar um patrimônio que a pertence.



Figura 43: Violação ao patrimônio.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/05/2018 às 10h:03min

5.1.5.3.5 Pérgula

É um tipo de mobiliário de jardim, utilizada como suporte de plantas trepadeiras. Esta apresenta cinco colunas de ferro que sustentam a cúpula.



Figura 44: Pérgula da praça Heliodoro Balbi

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 20/02/2018 às 12:25

Nota-se que o grupo escultórico presente na praça Heliodoro Balbi retrata figuras presente na mitologia greco-romana, e era muito comum no estilo Neoclássico que se faz presente nas tendências escultóricas presentes na cidade de Manaus. As peças são todas de origem francesa da empresa Val D'Osne.

5.1.6 Monumentos

São obras escultóricas ou construções arquitetônicas que têm como finalidade transmitir à posteridade a memória de um acontecimento ou pessoa notável.

5.1.6.1 Monumento à Tenreiro Aranha



Figura 45: Monumento à Tenreiro Aranha.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 Às 16h:55min

O monumento é uma homenagem à João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, o primeiro presidente da província. É dedicado à data de elevação à categoria de Província do Amazonas. Só foi erguido em 1907, por Adolpho Lisboa, tendo sua instalação na antiga praça Tamandaré, atual praça Adalberto Valle.

Foi feita na Itália por Enrico Quattrini e montada pelos artistas italianos Raffaelis Marchesi e Silvio Centofanti. A escultura do presidente da província foi confeccionada toda em bronze e leva a assinatura de E.Quattrini.

Seu pedestal é em granito rosa lavrado. A escultura é toda em bronze, com dois metros de altura aproximadamente. Possui quatro placas de identificação a sua volta, onde em algumas partes não é possível ler.



Figura 46: Placa de Identificação do monumento à Tenreiro Aranha.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:00min



Figura 47: Placa de identificação sobre Tenreiro Aranha.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:08min



Figura 48: Identificação da inauguração do Monumento.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:12min



Figura 49: Identificação da edificação da obra.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:116min

Atualmente, este monumento encontra-se com diversas pichações ao seu redor. É possível encontrar alunos e demais pessoas sentadas ou até mesmo deitadas em sua base.



Figura 50: Pichações no Monumento à Tenreiro Aranha.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:18min



Figura 51: Danificações no Monumento à Tenreiro Aranha.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 17h:22min

5.1.6.2 Monumento à Abertura dos Portos



Figura 52: Monumento em homenagem à Abertura dos Portos.

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:18min



Figura 53: Monumento de Abertura dos Portos entre 1901-1902.

Fonte: Álbum do Amazonas: 1901-1902

Este Monumento foi erguido em homenagem à abertura dos portos às nações amigas, um importante acontecimento histórico, e em substituição à uma simples coluna de alvenaria que se encontrava no centro da praça. Segundo Mesquita (2006, p.295), a substituição se deu em função da Lei n.º 209, de 23 de fevereiro de 1898.

No ano de 1899, para realizar a construção do monumento, foi contratado pelo governo o artista Domenico de Angelis. Sua colocação na praça foi dirigida por José Gomes da Rocha.

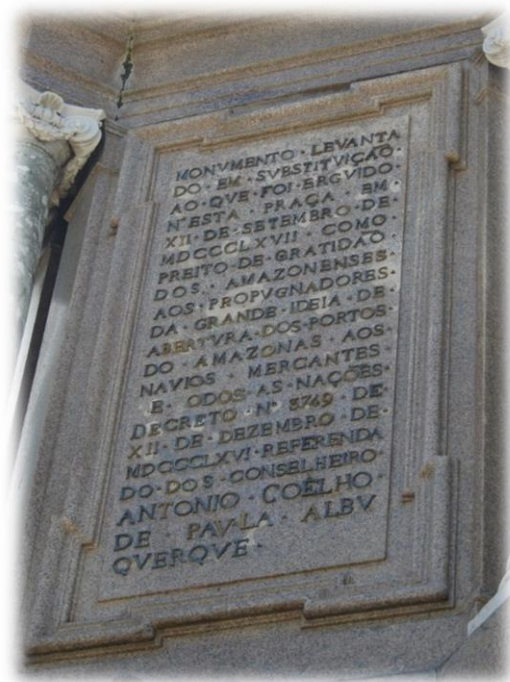


Figura 54: Uma das inscrições do Monumento de Abertura dos Portos

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:19min

Em 8 de junho de 1900, o jornal A Federação (apud, MESQUITA, 2006, p.295), noticiou que no dia anterior, 07 de junho de 1900, havia sido colocado sobre o monumento o grupo de bronze esculpido nos ateliers em Roma, de Enrico Quatrini. Apesar de ter sido contratado por De Angelis, a obra teria sido realizada por outro artista, provavelmente sob um projeto do primeiro.

Uma das inscrições feitas no monumento indica que sua inauguração teria sido em 3 de maio de 1900. Este monumento apresenta um grande valor histórico e artístico. Histórico por representar um grande acontecimento político e econômico do nosso Estado. E artístico pela escolha de seu artista e o rico material utilizado (a peça em bronze e o granito em rosa no pedestal).

Segundo a autora Nascimento (2013, p. 145), este monumento apresenta características do barroco, com a preocupação em ocupar os espaços com detalhes (âncoras, cabeças, serpentes, brasões). E também apresenta características

maneiristas, devido ao envolvimento entre a figura principal e a figura representativa do deus do comércio. Compõe variados elementos decorativos.

Sua base é revestida em mármore, e o grupo escultórico na parte superior foi confeccionado todo em bronze, assim como os demais elementos da decoração, além das barcas que representam quatro continentes.



Figura 55: Deus Hermes cortejando uma Amazona

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/05/2018 às 16h:28min



Figura 56: Barca da América

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:30min



Figura 57: Barca da África

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:33min



Figura 58: Barca da Europa

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018 às 16h:36min



Figura 59: Barca da Ásia

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 10/03/2018
às 16h:40min

5.2 Obras Públicas próximas as Praças (5 de Setembro, São Sebastião e Heliodoro Balbi)

A maioria das Obras públicas foram iniciadas durante o governo de Eduardo Ribeiro, uma época favorável para os mais diversos financiamentos em projetos destinados ao melhoramento urbano. Um período em que o comércio da borracha estava em seu auge no mercado internacional.

5.2.1 Teatro Amazonas



Figura 60: Teatro Amazonas entre 1901-1902

Fonte: Álbum do Amazonas: 1901-1902



Figura 61: Teatro Amazonas

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 14/11/2017
às 11h:10min

Segundo o autor Mesquita (2006, p.206), em maio de 1881, foi apresentado na Assembleia Provincial do Amazonas, pelo deputado A. J. Fernandes Júnior, o projeto para a construção de um teatro em Manaus. No dia 31 de maio do mesmo ano o projeto foi aprovado. A sua construção foi aprovada em 17 de janeiro de 1883 e, em 17 de maio desse mesmo ano, foram apresentadas quatro propostas, sendo aceita a do comerciante Manuel de Oliveira Palmeira de Meneses. O Teatro “é a obra arquitetônica mais significativa do período áureo da borracha no Amazonas” (MESQUITA, 2006, p.205). Sua construção se deu como um ato de ostentação de riqueza.

De acordo com Mesquita (2006, p.210), o terreno escolhido para a instalação do teatro havia sido em frente à praça Payssandu – compreendia a área entre as atuais vias Sete de Setembro, Joaquim Sarmiento, Henrique Martins e Eduardo Ribeiro -, no entanto, estaria em um terreno pouco sólido e próximo a um igarapé. Com a impossibilidade de construir neste local, optaram por um terreno de propriedade do tenente-coronel Antônio Lopes Braga, que, com a ordenação do presidente da época, José Paranaguá, fora desapropriado para a construção do teatro.

A construção do teatro Amazonas levou um bom tempo. No início as obras eram muito lentas devido a pequena contratação de pedreiros, trabalhando diariamente somente dois ou três. Por volta de 1885 as obras não tiveram andamentos devido ao alto custo e pelo fato de que os contratantes não chegavam a um acordo. As obras só foram retomadas, em 1893, na administração de Eduardo Ribeiro, quando o governador resolveu o problema do contrato e importou operários de fora do estado. Apesar de todo o esforço, o teatro não foi concluído durante a administração de Eduardo Ribeiro. O autor Otoni Mesquita (2006, p.212) relata que o teatro só foi inaugurado em 31 de dezembro de 1896. No entanto, o teatro não havia sido inaugurado com as condições almejadas. Ainda faltava concluir alguns detalhes, tais como a fachada posterior.

A estrutura do teatro tem uma origem remetente à tradição arquitetônica dos gregos e difundida pelos romanos. A ornamentação da fachada do teatro tem um estilo todo em barroco e a cúpula possui uma influência eclética.

Está localizado em frente à Praça São Sebastião, e sua cúpula pode ser vista de longe. Foi construído no auge do período áureo da borracha, por volta de 1881 e inaugurado em 31 de dezembro de 1896, uma época em que o látex era a principal matéria prima da região. O Teatro é um dos mais importantes patrimônios históricos de Manaus e é uma das mais belas obras de referência da cultura amazonense.

5.2.2 Igreja São Sebastião



Figura 62: Igreja São Sebastião

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 12/12/2017 às 14h:47min

A Igreja está localizada no Largo São Sebastião, em frente à praça. Foi construída sob a direção de Gesualdo Marchetti de Lucas, no ano de 1888. Apresenta uma forte tendência do estilo neoclássico com alguns traços de elementos medievalistas. O interior da igreja é marcado por elementos europeus. As pinturas do

teto ao altar, a cúpula e até mesmo as paredes, foram trazidas diretamente da Itália e são de autoria do artista Silvio Centofanti, Francisco Campanella e Ballerini.

5.2.3 Palacete Provincial



Figura 63: Palacete Provincial

Foto: SILVA, Yara. Tirada em: 14/11/2017 às 11h:33min



Figura 64: Quartel da Polícia, atual Palacete Provincial.

Foto: Álbum do Amazonas

Segundo o autor Otoni Mesquita (2006, p.76), o palacete foi concluído em 25 de março de 1874 e abrigava o Liceu, a Biblioteca Pública, a Assembleia Provincial e a Repartição de Obras Públicas.

Atualmente, o Palacete é tombado como patrimônio histórico do Amazonas.

O Palacete apresenta uma grande diversificação de tendências, tais como: a da arquitetura tradicional e em seu aspecto formal possui uma herança da arquitetura colonial; apesar de ter um frontão curvo, têm uma tendência Neoclássica marcada pela simplicidade da construção; e o predomínio das linhas horizontais na fachada retratam a tendência do Renascimento italiano. Apesar da grande diversificação das tendências, este patrimônio pode ser classificado como mais uma obra da arquitetura eclética em Manaus.

6. PROCESSO METODOLÓGICO

O presente trabalho terá como processo metodológico a pesquisa explicativa, pois é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, explicando a razão e o porquê da preservação das mesmas. E, além dela, haverá o estudo descritivo, onde o mesmo dá margem à explicação de causas e efeitos dos fenômenos. Por meio do estudo descritivo, “é possível obter melhor compreensão do comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno” (OLIVEIRA, 2002, p. 114).

Será realizado uma série de questionamentos com a finalidade de estabelecer compreensões relacionadas ao tema. E, para isso, serão utilizados conhecimentos teóricos de vários autores, tais como: Margarita Baretto; Françoise Choay; Otoni Mesquita, que em suas obras retrata grande parte da história de Manaus e seu processo de embelezamento; Maria Evany, que em sua obra *Monumentos Públicos do Centro Histórico de Manaus*, apresenta toda uma catalogação dos monumentos e suas descrições; Silvio de Oliveira, que apresenta uma melhor compreensão da metodologia para a elaboração de uma monografia; Antônio Loureiro, com sua obra *Um Passeio pelas Praças de Manaus*; Márcio Souza; entre outros. Além destes autores, serão utilizados, também, matérias de jornais, revista e artigos.

O desenvolvimento do trabalho foi dividido em três etapas:

Etapa 1: procurar saber do que se trata Turismo Cultural, Patrimônio cultural/artístico, identidade, preservação e conservação de um patrimônio.

Etapa 2: buscou abordar sobre o processo histórico de Manaus, bem como a sua origem e o seu desenvolvimento.

Etapa 2: uma abordagem sobre as três praças escolhidas para o trabalho.

Etapa 3: uma identificação e descrição dos monumentos presentes nas três praças. Para a descrição destas obras, será realizado a pesquisa histórica para interpretar os significados e valores das peças.

Etapa 4: pesquisas de campo com o objetivo de observar o comportamento da comunidade local e dos turistas nestes logradouros em relação aos monumentos que nelas se encontram.

Etapa 5: Será aplicado questionários com alunos presentes nestas praças, com a finalidade de se saber o grau de conhecimento deles em se tratando destes patrimônios, monumentos.

A aplicação dos questionários foi feita em torno das 11h:20min à 12h:40min, pois são os horários na qual os alunos estão presentes nas praças em decorrência de estarem saindo das escolas a partir das 11h:15min e os alunos que estão indo para a escola às 13h. O questionário tem como objetivo verificar o grau de conhecimento dos alunos em se tratando de patrimônio e dos monumentos, analisar se os mesmos conhecem e sabem o significado das peças presentes nas praças trabalhadas.

Com o resultado dos questionários, será analisado qual praça é a mais frequentada, a quantidade de alunos que conhecem e sabem o significado dos monumentos presentes nas praças, o que entendem por preservação e conservação dos patrimônios, e, a opinião deles sobre inserir uma disciplina “Educação Patrimonial” na escola.

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste tópico será discutido os dados da pesquisa feita, colhidos com uma aplicação de questionários. As respostas obtidas foram divididas da seguinte forma: qual praça é mais frequentada; quantos alunos conhecem o nome oficial das praças; quantos conhecem os monumentos e seus significados; noção de patrimônio artístico e cultural; a importância de haver uma discussão sobre patrimônio local em sala de aula; importância de se preservar os patrimônios locais; Educação Patrimonial no currículo escolar.

No dia 22 de maio de 2018 (terça-feira) por volta das 11:30 às 12:30, foi feita uma pesquisa de campo com o objetivo de aplicar questionários com alunos cujo estavam presentes nas praças trabalhadas. Foi aplicado um questionário para 23 alunos. Foi notado uma pouca presença de alunos na praça da Saudade, tendo sido aplicado somente um questionário neste local. Enquanto o aluno respondia às perguntas na folha, perguntei o que ele achava da praça, o mesmo me respondeu que achava perigoso o local, não há segurança e ocorre muitos assaltos, e há presença de usuários de drogas.

A maior concentração de alunos estava na Praça São Sebastião. Foi possível notar que dos 23 alunos que colaboraram com a pesquisa, todos não possuíam nenhuma noção do que se trata patrimônio, e muito menos que pertence a todos nós (população local).

Conforme as respostas, foi possível concluir que a praça mais frequentada, é a praça São Sebastião, e logo em seguida, a praça da Polícia. Dez alunos frequentam a praça diariamente, e 7 frequentam semanalmente. Foi perguntado se conhecem o nome oficial da Praça da Saudade e o da Praça da Polícia, concluiu-se que somente 4 alunos conhecem o nome oficial destas praças.

Uma questão curiosa que foi observado é que a maioria destes alunos que fizeram a pesquisa, não tinham noção de identificar as praças com os seus nomes “populares”. Conheciam, mas não sabiam o nome.

Somente 8 destes alunos conhecem o Monumento à Tenreiro Aranha, no entanto, apenas 2 alunos sabem o significado deste Monumento e quem foi Tenreiro Aranha.

Como foi dito acima, a Praça São Sebastião é a mais frequentada por estes alunos, no entanto, 17 alunos não conhecem o Monumento de Abertura dos Portos cujo está localizado no centro desta praça. Somente 4 alunos sabem o significado deste Monumento.

Foi perguntado se conhecem os significados dos monumentos e figuras presentes na Praça da Polícia, e todos marcaram “não”.

Em se tratando da questão relacionada a identificação suficiente nos monumentos para o conhecimento dos habitantes da cidade, 14 alunos marcaram a opção “sim”. No entanto, vale ressaltar que nenhuma obra presente na praça Heliodoro Balbi atualmente apresenta identificação.

Na questão: Você tem alguma noção do que se trata patrimônio artístico e cultural? 15 alunos marcaram “sim”. No entanto, notou-se por meio das respostas e de observação, que os mesmos não possuem nenhuma noção do que de fato significa patrimônio, e muito menos que este é o bem de todos.

No questionário há questões como:

1- Para você, qual a importância de uma discussão sobre patrimônio local em sala de aula?

Respostas:

“Muito, pois devem ensinar que devemos preservar os patrimônio da nossa cidade.”

“A importância é para nos situarmos de nossa história, pois tenho certeza que assim como eu, não tem muita noção de patrimônios, infelizmente.”

“Não sei”.

“Ficarem mais informados, saber o quanto é importante.”

“Para ninguém brigar, para se entenderem, para se conhecerem.”

2- Em sua opinião, qual a importância da preservação do patrimônio local?

Respostas:

“É importante tanto pra beleza da cidade quanto pra história e pra valorização cultural.” (2º ano do Ensino Médio)

“Para histórias antigas, para lembrar os momentos e também na importância da cultura.” (3º ano do Ensino Médio)

“Para que nós do “futuro”, ter uma noção do que se trata do passado da cidade e também para que turistas saibam da história da cidade.” (2º ano do Ensino Médio)

“Para que ele continue bem belo, assim ganha mais visita de pessoas de outros estados.” (1º ano do Ensino Médio)

3- Para você, é importante haver no currículo escolar uma disciplina sobre Educação Patrimonial? Por que?

“Sim. Para que cresça um sentimento nacionalista dentro de todos.” (2º ano do Ensino Médio)

“Sim. Porque precisamos ter noção de nossos patrimônios, principalmente dos patrimônios históricos.” (1º ano do Ensino Médio)

“Sim. Para sabermos a importância que elas têm no nosso cotidiano.” (2º ano do Ensino Médio)

Através destas respostas, é possível observamos a falta de conhecimento que os alunos apresentam em se tratando de patrimônio. Não possuem nenhuma noção do que significa e muito menos da sua importância.

Faz-se necessário haver uma discussão em se tratando destas questões em salas de aula, permitindo aos alunos saberem o que lhe diz respeito de forma imediata:

sua cidade, identidade, disputas políticas e simbólicas. Aqui podemos levantar a seguinte questão: De que forma os jovens alunos sendo eles das redes públicas/municipais e até mesmo particulares, se sentem pertencentes da identidade local? O que ressalta destas observações é a carência de um conhecimento que ensine-os mais sobre si mesmo, pois estes alunos não compartilham nenhuma ideia sobre os Patrimônios de sua cidade.

Em se tratando da questão relacionada a preservação do patrimônio local, implicou a questão: preservar para quê? A entrevista com os 23 alunos mostrou que os mesmos acreditam que se deve preservar para que os patrimônios possam ser vistos por demais pessoas, para embelezar, valor histórico e cultural.

Em relação a inclusão de uma disciplina sobre Educação Patrimonial no currículo escolar, poucos acharam necessário. Estes acreditam que seria bom para que desta forma aprendam a importância de um patrimônio. Os demais que acreditam não ser necessário, deram como resposta, já terem muitas disciplinas. No entanto, vale ressaltar, que há uma necessidade de os alunos terem este conhecimento, para que desta maneira possam melhor entender e valorizar seus patrimônios.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso entrelaçou, ao decorrer de seu desenvolvimento, questões como: turismo cultural, patrimônio, monumentos, memória, identidade e história local. O propósito era compreender como estes elementos se relacionam em se tratando da relação dos Monumentos presentes nas praças trabalhadas com a comunidade local. No primeiro capítulo deste trabalho podemos ver todo o conceito de turismo cultural e patrimônio cultural. Também foi abordado a questão do desenvolvimento do patrimônio na Europa com o projeto da construção de uma identidade nacional, onde passaram a preservar e valorizar seus patrimônios devido as grandes destruições destes, que ocorreram anos antes. Ainda no primeiro capítulo vimos que, no Brasil, D. Pedro II foi um grande precursor a construir uma nacionalidade do país, a destacar e criar um determinado patrimônio nacional. Nos tempos de hoje, a patrimonialização vem servindo ao fortalecimento de uma identidade local amparada pela história e por expressões culturais.

Os patrimônios estão fortemente ligados a uma identidade local amparada pela história. O Estado possui um importante papel em se tratando da ligação entre passado e presente. No entanto, é possível notar pelas figuras presentes no trabalho, a falta do Estado, no que se refere aos cuidados com os patrimônios. Tais obras abordadas encontram-se abandonadas a mercê de vandalismo da própria população local.

O objetivo deste trabalho foi compreender a importância que estes monumentos possuem como patrimônios históricos/culturais, analisando o significado simbólico e histórico destas obras. Foi analisado o conhecimento que a população local – alunos frequentadores das praças trabalhadas - possuem sobre patrimônio e os monumentos históricos.

A abordagem deste assunto tratou da falta de conhecimento e de interesse da população manauara em termos dos fatos, personagens, episódios e patrimônios que marcaram a memória histórica da cidade de Manaus. A comunidade local, encontra-

se em total abandono quando o assunto é patrimônio cultural e/ou histórico, sua falta de interesse pelo assunto é gritante, sendo assim, desconhecendo o real valor dos mesmos. Sendo possível observar tal carência nas pesquisas de campo realizadas pela minha pessoa, onde fora notada diversas violações, depredações, faltas de conservação, nos referidos monumentos.

Numa fase exploratória da pesquisa, constatei a ausência de qualquer noção do conceito de Patrimônio, bem como o desconhecimento, por parte dos alunos participantes desta pesquisa. Não possuem conhecimento a respeito dos monumentos presentes nas praças. E foi possível observar que em se tratando de “preservação”, o termo soava de forma muito vaga a estes alunos que desconheciam o sentido de valorizar um patrimônio. Ao olhar dos alunos, os monumentos são uma espécie de decoração das praças, servem para embelezar e atrair as atenções das pessoas. Pude observar também que, para estes alunos, os patrimônios são feitos para os “outros conhecerem, para eles, os monumentos não lhes pertencem, não lhes são uma herança bem como o real significado de patrimônio”. Os alunos reconheceram que o patrimônio lhes serve como um elemento de aprendizado em se tratando da história local, desta forma, todos os alunos se posicionaram em defesa da preservação dos monumentos.

Por fim, pode-se afirmar que há uma carência na grade curricular das escolas. Há uma grande deficiência nas disciplinas de história e geografia, onde nos dias de hoje só são abordados temas gerais e deixado de lado assuntos regionais. É importante que os professores destas disciplinas repassem aos seus alunos assuntos regionais do nosso Estado, que abordem os fatos ocorridos, a cultura, etc. Através do questionário feito com os alunos, foi possível observar que os mesmos não apresentam nenhum conhecimento da história regional de Manaus e até mesmo do Amazonas. Mal sabem o que de fato foi a Belle Époque, o que se trata a Elevação do Amazonas à categoria de Província, a Abertura dos Portos, quem foi Tenreiro Aranha. Importantes acontecimentos que geraram grandes mudanças não somente históricas, mas, culturais que estão ligadas a nossa identidade.

Os jovens de hoje em dia estão desinformados dos fatos ocorridos em Manaus, não conhecem suas histórias, suas transformações. Mostram um pouco de

desinteresse nesses assuntos. Uma outra questão que poderia vim a ajudar estes jovens a terem uma noção de preservação dos patrimônios, seria a inclusão de uma disciplina que aponte a importância do Patrimônio, pois essa inserção possibilitaria questões como a inclusão social, preservação e valorização. Pois, é visível nos monumentos, a falta de respeito e valorização da comunidade local. No entanto, uma disciplina de história da Amazônia, certamente já seria o suficiente para eles terem a consciência de preservar estes patrimônios e principalmente de se sentirem parte desta identidade cultural.

Este trabalho de conclusão de curso partiu do interesse em fazer um resgate histórico dos monumentos trabalhados, e analisar o conhecimento que a população local possuem em relação a eles.

REFERÊNCIAS

- BARRETTO, Margarita. Cultura e Turismo: Discussões Contemporâneas. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. Patrimônio Histórico e Cultural. São Paulo, SP: Aleph, 2002.
- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 4ª edição – São Paulo, SP: Estação Liberdade: UNESP, 2001.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. A Ilusão do Fausto. Manaus: Valer, 1999.
- FEITOZA, Paulo Fernando de Britto. Patrimônio cultural – proteção e responsabilidade objetiva. Manaus: Editora Valer, 2012.
- FIDANZA, F. A. Álbum do Amazonas 1901-1902.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de Metodologia Científica: Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- LOUREIRO, Antonio José Souto. Um passeio pelas praças de Manaus. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2ªed, 2015.
- MESQUITA, Otoni. Manaus: História e Arquitetura (1852-1910). Manaus, AM: Valer, 2006.
- MESQUITA, Otoni. La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Manaus, AM: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- NASCIMENTO, Maria Evany do. Monumentos Públicos do Centro Histórico de Manaus. Manaus: Editora Valer, 2013.
- PÁSCOA, Luciane. As Artes Plásticas no Amazonas – o Clube da Madrugada. Manaus: Editora Valer, 2011.
- SOUZA, Márcio. Breve História da Amazônia. 1. Ed. Manaus, AM. Editora: Marco Zero, p.136. 1994.
- SOUZA, Márcio Souza. A Expressão amazonense. 3. Ed. Manaus: Editora Valer, p. 28. 2010.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nacionalidade e patrimônio o Segundo Reinado brasileiro e seu modelo tropical exótico, p.337. Revista do Patrimônio, Nº34. IPHAN, 2012.

INTERNET

BRASIL, Ministério do Turismo. Turismo Cultural: orientações básicas. Coordenação – Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/tu000019.pdf> > Acesso em: 08/12/2017

MARINHO, Rosane. Projeto Colabora, agosto de 2017.

Disponível em: < <https://projetocolabora.com.br/cidades/turistas-um-problema-para-barcelana/> > Acesso em: 08/12/2017

SILVA, Carolina. Monumentos revelam história de Manaus. Disponível em: < <http://www.acritica.com/channels/manaus/news/monumentos-revelam-historia-de-manaus> > Acesso em: 20/10/2017

SILVA, Thayane Graciano; VIANA, Alice Rocha; VALÉRIO, Camila Ferreira; VIEIRA, Janderson dos Santos; SANTOS, Patrícia Pedroso dos; DUARTE, Ricardo Batista; SILVA, Eudóxia Pereira da; BENEVIDES, Nereida Tavares Neves. Manaus: História em Monumentos – Cartão Postal.

Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/expocom/EX34-0276-1.pdf> > Acesso em: 20/10/2017

Turismo Cultural: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. - 3.ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: < http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf > Acesso em: 20/03/2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

Nome (Opcional): _____ Idade: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Instituição de Ensino: _____

Série: _____

Bairro onde mora: _____

- 1) Quais praças do Centro Histórico de Manaus você mais frequenta?
 - a) () Praça da Saudade
 - b) () Praça do Congresso
 - c) () Praça São Sebastião
 - d) () Praça da Matriz
 - e) () Praça da Polícia
 - f) () Praça Dom Pedro II
 - g) () Praça Dos Remédios

- 2) Com que frequência você frequenta estas praças?
 - a) () Raramente
 - b) () Diariamente
 - c) () Semanalmente
 - d) () Outro

- 3) Você conhece o nome oficial da Praça da Saudade?
 - a) () Sim
 - b) () Não

- 4) Você conhece o nome oficial da Praça da Polícia?
 - a) () Sim
 - b) () Não

- 5) Você conhece o Monumento à Tenreiro Aranha?
 - a) () Sim
 - b) () Não
 - 5.1 Se sim, sabe o significado dele?
 - a) () Sim
 - b) () Não

- 6) Você sabe quem foi Tenreiro Aranha?
 - a) () Sim
 - b) () Não

- 7) Você conhece o Monumento de Abertura dos Portos?
 - a) () Sim
 - b) () Não
 - 7.1 Se sim, sabe o significado dele?
 - a) () Sim
 - b) () Não

8) Você conhece o Coreto de Ferro localizado na Praça da Polícia?

- a) () Sim b) () Não

9) Você conhece os significados dos monumentos e figuras presentes na Praça da Polícia?

- a) () Sim b) () Não

10) Na sua opinião, os monumentos presentes nas praças do Centro Histórico, possuem identificação suficiente para o conhecimento dos habitantes da cidade e dos turistas?

- a) () Sim b) () Não

- a) () Sim b) () Não

11) Você tem alguma noção do que se trata patrimônio artístico e cultural?

- a) () Sim b) () Não

12) Para você, qual a importância de uma discussão sobre patrimônio local em sala de aula?

13) Em sua opinião, qual a importância da preservação do patrimônio local?

14) Para você, é importante haver no currículo escolar uma disciplina sobre Educação Patrimonial? Por que?
